

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL - UCS
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
CURSO LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

BRUNA CEMIN

**A ESCOLA BERNARDO PETRY (1958 A 1988): AS PRÁTICAS DE
ESCOLARIZAÇÃO NOS REGISTROS FOTOGRÁFICOS**

**CAXIAS DO SUL
2020**

BRUNA CEMIN

**A ESCOLA BERNARDO PETRY (1958 A 1988): AS PRÁTICAS DE
ESCOLARIZAÇÃO NOS REGISTROS FOTOGRÁFICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, pelo Curso de Pedagogia da Universidade de Caxias do Sul – UCS.

Orientador: Prof. Dr. José Edimar de Souza.

A ESCOLA BERNARDO PETRY (1958 A 1988): AS PRÁTICAS DE ESCOLARIZAÇÃO NOS REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, pelo Curso de Pedagogia da Universidade de Caxias do Sul – UCS.

Aprovado (a) em: 06/07/2020

Banca Examinadora:

Prof. Dr. José Edimar de Souza*
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Profa. Dra. Valesca Brasil Costa*
Universidade de Caxias do Sul – UCS/ Universidade Federal de Pelotas –UFPeI

Prof. Me. Cristian Giacomoni*
Universidade de Caxias do Sul – UCS

* Nesse momento de isolamento social, provocado pela pandemia do COVID-19, não será possível acolher assinaturas presencialmente. Por isso, o registro da folha de assinaturas foi validada pela ata da banca, bem como pela gravação da aprovação da acadêmica pelos membros da banca.

AGRADECIMENTOS

Ao fim desta jornada da graduação, que foi muito significativa e marcante para mim em todos os momentos, é como se passasse um filme em minha cabeça. Cinco anos de boas vivências, mas também de algumas dificuldades que, às vezes, até terminaram em choro. Inúmeras noites frias e chuvosas se transformaram em momentos mais aconchegantes, especialmente quando comecei a frequentar o Diretório Acadêmico, e, mais tarde, passei a fazer parte da comissão responsável por essa agremiação. Dessa forma, a universidade tornou-se minha segunda casa. Agradeço a Deus por poder desfrutar dessas oportunidades.

Agradeço à minha querida mãe, de quem sempre tive todo apoio e que, em todos os momentos, me incentivou e encorajou, mostrando que devemos sair da nossa zona de conforto. Mesmo tendo estudado só até as séries iniciais, quando falamos em educação, ela é a pessoa que diz: “vai, participa e dá o teu melhor!”. E, sem dúvida, ela é minha inspiração!

Sou grata também às minhas irmãs, que, de alguma forma ou de outra, me mostraram que devo lutar pelos meus sonhos, e que esse sonho não é só meu, mas delas também! Ser a primeira da família a ter um curso superior completo faz com que isso seja inesquecível para todas nós.

Aos colaboradores desta pesquisa, que emprestaram seus materiais de acervo pessoal para a possível análise. Agradeço também a instituição, que me recebeu de portas abertas, deixando ao meu dispor materiais de arquivo morto.

Ao meu orientador, Professor Dr. José Edimar de Souza, que desde sempre foi um educador exemplo para mim! Sempre disposto a explicar e principalmente me desafiar, explorando capacidades e saberes, unidos ao potencial. Obrigada, de coração, por estar comigo nesta etapa tão importante, abraçando junto o desejo de aprofundar os conhecimentos sobre algo meritório e valioso na Educação de meu município. Meus sinceros agradecimentos por todo amparo, pelo incentivo e suporte dado neste período difícil da pandemia COVID-19...

Sou grata também pela proximidade e amizade construída com a Kelli Larissa Lorenzatto. Iniciamos juntas e sempre, todos os semestres, permanecemos uma ajudando a outra em tudo, sem falar dos nossos traços físicos semelhantes que confundem o pessoal da Universidade e rendem boas risadas! Agradeço muito por essa amiga que a Pedagogia me apresentou.

Agradeço também aos professores da Universidade de Caxias do Sul, que fizeram parte da minha jornada e que contribuíram para a construção de muitos saberes que levarei para sempre.

Por fim, sou grata a Deus por me presentear todos os dias com muita saúde e força de vontade. Pelos conhecimentos construídos, as amizades que levarei para sempre, e o ambiente dessa vida acadêmica, que é algo muito bom, me faz ser grata. E agradeço, mais ainda, pelas maravilhosas pessoas que Deus mantém ao meu redor, que me motivaram, ajudaram, aconselharam e dividiram esse período importante comigo.

“Somos seres históricos, já que nossas ações e pensamentos mudam no tempo, à medida que enfrentamos os problemas não só da vida pessoal, como também da experiência coletiva. É assim que produzimos a nós mesmos e a cultura a que pertencemos.”

(ARANHA, 2006, p. 6)

RESUMO

Esta pesquisa analisa as práticas de escolarização da Escola Bernardo Petry, de Vale Real, RS, no período de 1958 a 1988, através de registros fotográficos, enfatizando as festas locais e comemorações cívicas e o modo como estão relacionadas à formação de uma cultura escolar. Trata-se de um estudo monográfico de conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia. A perspectiva teórica sustenta-se na História Cultural, fundamentada em autores como Pesavento (2003) e Burke (2008). A metodologia utilizada consistiu na análise documental, tendo como fonte fotografias de acervo pessoal de Madalena Pellenz e Gilberto Freiburger, além das encontradas e disponibilizadas do arquivo institucional Escola Bernardo Petry. Destacam-se, neste estudo, as festas escolares que aconteciam nessa instituição de ensino e que envolviam toda a comunidade, enaltecendo costumes locais, demonstrando e valorizando o trabalho desenvolvido em sala de aula relacionado à comunidade de Vale Real. Também se percebe, ao longo da análise, que muitas foram as inaugurações e conquistas da Escola Bernardo Petry no decorrer de sua trajetória no período analisado. Desse modo, buscou-se estabelecer uma conexão entre as particularidades da organização escolar e a sociedade com base no levantamento e análise de dados empíricos. Os resultados desse trabalho indicam que as práticas de escolarização desenvolvidas nesta instituição sempre procuravam elencar elementos do cotidiano entrelaçados com traços da cultura alemã e valores ali construídos.

Palavras-chave: cultura escolar. Vale Real – RS. práticas de escolarização.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vale Real destacado no mapa do Rio Grande do Sul.....	11
Figura 2 - Vale Real localizado no mapa do Vale do Caí	12
Figura 3 - 11ª Aula Pública Cahy	36
Figura 4 - Prédio da Escola Bernardo Petry em 1963	37
Figura 5 - Construção do prédio novo defronte à RS 452 em 1993/1994	38
Figura 6 - Alunos e demais pessoas presentes em posição de sentido para entoação do hino	41
Figura 7 - Comemoração de 7 de Setembro, em 1982	42
Figura 8 - Primeira Série apresentando no dia 7 de Setembro	43
Figura 9 - Alunos da 3ª série no 7 de Setembro.....	44
Figura 10 - Desfile do dia do Gaúcho.....	45
Figura 11 - Alunos com a vestimenta de gaúcho	46
Figura 12 - Ato religioso em dia de inauguração	47
Figura 13 - Convite para festa do Grupo Escolar Bernardo Petry	48
Figura 14 - Momento de inauguração da quadra de esportes em 13/12/1981	49
Figura 15 - Inauguração da quadra de esportes, dezembro de 1981.....	50
Figura 16 - Patrulha do Verde, em 1982	51
Figura 17 - A festa contava até com animação musical	52
Figura 18 - Grupo de amigos interagindo na Festa do Colono e divulgando seu produto	53
Figura 19 - Crianças dançando na Festa do Colono com traços da tradição alemã .	54
Figura 20 - Indústria de telas e serviço de funilaria de Ricardo Glaeser participando do desfile com grande público.....	55
Figura 21 - Elementos agrícolas fortemente representados na festa	56
Figura 22 - Representação da agricultura através de alimentos nas mãos e na cabeça.....	57

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Fonte, quantidade encontrada e período da fotografia.....	21
Quadro 2 -Classificação das fotos por tema e quantidade relacionada	22
Quadro 3 - Análise dos traços de práticas escolares nas fotografias	23
Quadro 4 - Documentos escritos e suas características sinteticamente	25

LISTA DE SIGLAS

AMVARC - Associação dos Municípios do Vale do Rio Caí

CPM - Círculo de Pais e Mestres

CRE - Coordenadoria Regional da Educação

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

NHC - Nova História Cultural

CLT - Consolidação das Leis do Trabalho

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

PTB - Partido Trabalhista Brasileiro

PSD - Partido Social Democrático

UDN - União Democrática Nacional

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
2 PERCURSO METODOLÓGICO	18
3 CONTEXTO DE ESCOLARIZAÇÃO EM VALE REAL	28
4 VESTÍGIOS DA CULTURA ESCOLAR E DAS PRÁTICAS DE ESCOLARIZAÇÃO NA ESCOLA BERNARDO PETRY	33
4.1 UM MODO DE CONTAR A HISTÓRIA DA BERNARDO A PARTIR DE FOTOGRAFIAS	35
4.2 AS CERIMÔNIAS E FESTAS ESCOLARES: VESTÍGIOS DA CULTURA ESCOLAR	39
4.2.1 As festas cívicas da independência, dia do gaúcho	40
4.2.2 As cerimônias na escola	46
4.2.3 As festas locais: Festa do Colono, Bauernfest e Patrulha do Verde.....	50
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS	62

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os tempos mudam, a história é construída constantemente e a humanidade se desenvolve, modificando, diante das necessidades, uma cultura construída que passou de geração para geração (ARANHA, 2006).

Diante disso, sabe-se que a história está presente por toda parte, tornando-se essencial para entendermos o presente através do que já aconteceu e também para termos conhecimento sobre coisas presentes em nossa vida, assim como os valores, ensinamentos e costumes trazidos dos antigos. Conforme afirma Saviani (2008, p.151):

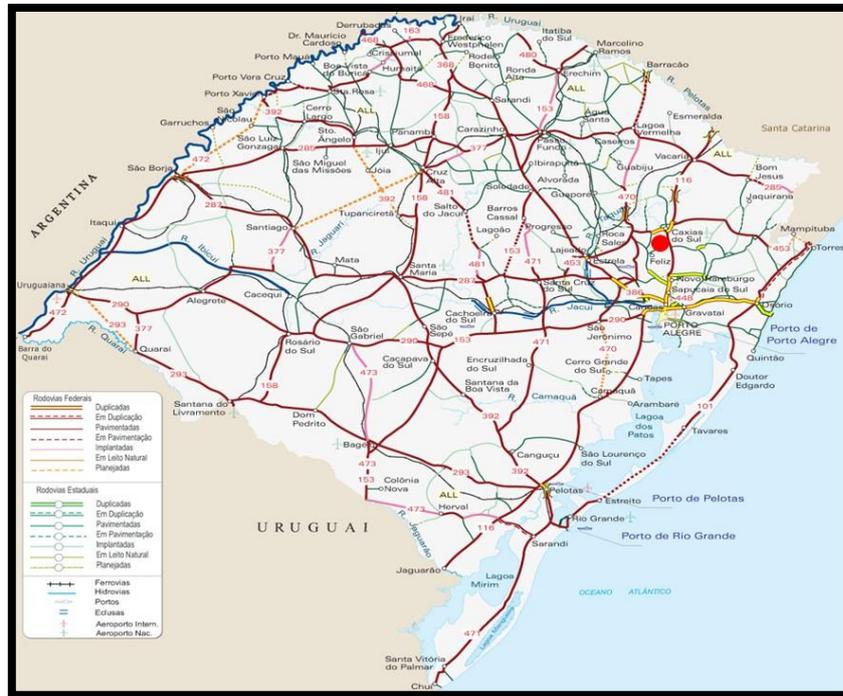
[...] é pela história que nós nos formamos como homens; que é por ela que nós nos conhecemos e ascendemos à plena consciência do que somos; que pelo estudo do que fomos no passado descobrimos, ao mesmo tempo, o que somos no presente e o que podemos vir a ser no futuro, o conhecimento histórico emerge como uma necessidade vital de todo ser humano. Tendo em vista que a realidade humana de cada indivíduo se constrói na relação com os outros e se desenvolve no tempo, a memória se configura como uma faculdade específica e essencialmente humana e atinge sua máxima expressão quando se manifesta como memória histórica.

Acredito que pesquisar sobre **“As práticas de escolarização desenvolvidas na Escola Bernardo Petry dos anos 1958 a 1988 através de registros fotográficos”** nos possibilita conhecer e compreender sobre a história e a cultura de um lugar. *“En el caso de una escuela, las fotografías muestran personas, relaciones, pero también acciones y objetos relacionados con lo que ahí se hace y se vive.”* (BRAVO, 2019, p. 7). O presente estudo nos convida a uma viagem no tempo, nas lembranças, sentimentos e relações que ali eram construídas. “Pensar o passado, porém, não é um exercício de saudosismo, curiosidade ou erudição: o passado não está morto, porque nele se fundam as raízes do presente.” (ARANHA, 2006, p. 6).

O ano de 2020 é um marco histórico para a Escola Estadual de Ensino Médio Bernardo Petry, que está localizada na cidade de Vale Real, no Rio Grande do Sul. Neste ano, ela completa 60 anos. São anos de história, de lutas e de conquistas de um povo em busca da educação. Formadora de inúmeras identidades, esta escola foi palco de momentos muito importantes, como, por exemplo a emancipação do município que outrora pertenceu a São Sebastião do Caí e Feliz.

O município de Vale Real¹ está situado na região do Vale do Caí², tendo aproximadamente 6 mil habitantes. É uma localidade bela e formosa, cercada por 13 morros que formam a famosa “coroa”. Por isso, anos atrás, se chamava Kronenthal³. Na Figura 1, podemos ver a cidade de Vale Real no mapa do Rio Grande do Sul.

Figura 1 - Vale Real destacado no mapa do Rio Grande do Sul



Fonte: Guia Geográfico do Rio Grande do Sul.

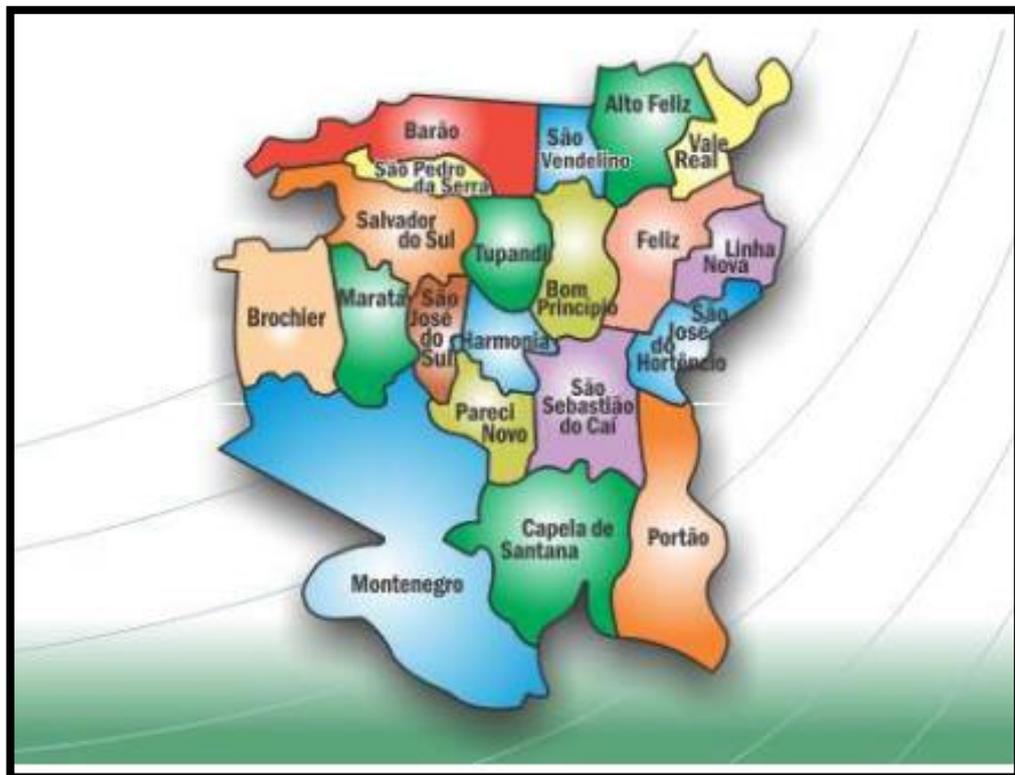
¹Vale Real possui território equivalente a 45,085 km², e sua população, de acordo com o último Censo (2010), é de 5.913 pessoas, tendo uma densidade demográfica de 113,52 hab/km² (IBGE, 2020).

² Vale do Caí, o “Vale da Felicidade”, título atribuído pela Revista Veja (outubro de 2007) em edição nacional, comparando indicadores de qualidade de vida em todas as regiões do país, destacando vários municípios pertencentes ao Vale do Caí. A região localiza-se no cruzamento de estradas estaduais e nacionais que ligam a capital do estado do Rio Grande do Sul ao sul do Estado e à Serra Gaúcha e o Alto Uruguai. Municípios pertencentes ao Vale do Caí: Alto Feliz, Barão, Bom Princípio, Brochier, Capela de Santana, Feliz, Harmonia, Linha Nova, Maratá, Montenegro, Pareci Novo, Salvador do Sul, São José do Hortêncio, São José do Sul, São Pedro da Serra, São Sebastião do Caí, São Vendelino e Tupandi (AMVARC, 2020).

³ De acordo com os dados do IBGE (2011), o antigo nome de Vale Real era Kronenthal. Há uma lenda local sobre a origem do nome que diz que, logo que os imigrantes aqui chegaram, um dos amigos do pai/esposo Peter Krewer, morador da localidade, perdeu a filha. Por isso, conforme o costume cristão, ela foi enterrada em uma cova ao lado da capelinha que ficava onde hoje mora Irena Gregory, na estrada de Canto Krewer. Na hora do enterro, as mulheres colocaram ao redor da cova uma coroa de ramos verdes entrelaçados com flores. Quando os coveiros desceram o caixão, o pai da menina morta exclamou: “Aí está a morada de minha filha, *die kron onenthar* (a coroa e a cova)!”. Mais tarde, essas palavras dariam origem ao nome Kronenthal, que, traduzido do alemão, significa vale da coroa, vale da coroa de montanhas. No entanto, segundo estudos do padre Arthur Rabuske, o nome Kronenthal surgiu devido ao aspecto geográfico do município, que é constituído por um imenso vale cercado por treze morros que formam uma verdadeira coroa natural.

A sua topografia é formada por morros, vales e pequenas planícies. O clima é do tipo subtropical e a mata favorece a infinidade de animais que ali moram. O rio que banha o município é o Rio Caí, que tem sua nascente em São Francisco de Paula (STEINMETZ; LAMB; TEUSCHEL, 2010). A região do Vale do Caí abrange 19 municípios, incluindo Vale Real. Através do mapa da AMVARC (Associação dos Municípios do Vale do Rio Caí) conseguimos visualizar os municípios pertencentes ao Vale do Caí, em que Vale Real está ao pé da Serra Gaúcha, como se identifica na Figura 2:

Figura 2 - Vale Real localizado no mapa do Vale do Caí



Fonte: AMVARC.

A cidade se desenvolveu e foi construída por imigrantes alemães que começaram a povoar o município por volta de 1851, e pelos italianos que chegaram a partir de 1875. Passaram-se muitos anos até que, em 1992, no dia 20 de março, Vale Real se emancipou (RAUBER, [?]).

O antigo nome da cidade tornou-se uma grande festa: *Kronenthal Fest*. Uma festa feita pela comunidade, exaltando a cultura e mantendo vivas as raízes e tradições, legado dos primeiros colonizadores. Além da culinária, também temos os jogos germânicos, a bandinha típica Kronenthal com seu musical ítalo-germânico, as

exposições comerciais e a escolha das soberanas que representam o município nos mais diversos eventos. Minha relação com objeto de pesquisa consiste em pelo menos dois argumentos: o primeiro, por ser a única escola estadual do município de Vale Real; e o segundo, o gosto de pesquisar sobre essa escola em razão da relação que tenho com a comunidade, por ter sido soberana da *Kronenthal Fest*⁴. Nesse sentido, escolhi como tema do presente Trabalho de Conclusão de Curso **A Escola Bernardo Petry (1958 a 1988): as práticas de escolarização nos registros fotográficos**. Valendo-se de registros fotográficos, a partir de vestígios da cultura escolar, tal estudo tem como objetivo analisar as práticas de escolarização desenvolvidas em uma escola pública do município de Vale Real/RS, entre 1958 a 1988⁵. O anseio de investigar sobre essa instituição justifica-se pelo fato de que ainda não existe nenhum trabalho científico realizado sobre o assunto. Por isso, é evidente a importância da pesquisa aqui desenvolvida.

O processo de escolarização na cidade teve início em 1875, quando foi criada a primeira Escola⁶, tendo como professor Estéfano Theissen, que dava as aulas no dialeto alemão. Em 1938, as prefeituras passaram a exigir formação para exercer a profissão. Dessa forma, Bernardo Petry foi nomeado professor interino após aprovação no concurso público no mês de fevereiro de 1897. Sendo assim, ele foi autorizado a dar aulas públicas em Kronenthal, na época município de Cahy (São Sebastião do Caí). Nesse cenário, ele realizava reuniões e grandes festas escolares com o intuito de ganhar o apoio de pais e alunos e de toda comunidade nesta bela obra que estava se tornando realidade (a criação de uma escola)⁷ (STEINMETZ; LAMB; TEUSCHEL, 2010).

⁴ O gosto de representar, tendo a oportunidade de conhecer mais minha comunidade em relação aos seus aspectos culturais e históricos, concretizou-se quando fui eleita soberana da XVI *Kronenthal Fest*, no período de 2016 a 2019. Sem dúvida, foram os anos mais marcantes da minha experiência de vida.

⁵ Mesmo acessando um número expressivo de fotografias, a escolha pela metodologia de pesquisa de análise documental histórica, a organização, seleção e classificação das fotografias que compõem esta pesquisa documental definiram o recorte temporal entre 1958 a 1988.

⁶ As escolas étnicas não são aqui objeto de pesquisa. Como argumenta Souza (2018b; 2019) e Kreutz (2002), foram as primeiras escolas constituídas nas mais distintas comunidades em diferentes partes do nosso país, desde meados do século XIX, com a chegada dos imigrantes europeus, principalmente, alemães e italianos. Eram assim chamadas escolas paroquiais, escolas étnicas e também escolas da comunidade. E, entendendo que existe diferença conceitual para cada uma dessas instituições, não é objeto desta monografia adentrar nessa discussão.

⁷ Sobre as escolas étnicas neste município existe o estudo desenvolvido pelas autoras Mello, Dewes e Jardim (2019), que apresenta sucinta síntese sobre esse período e indica aspectos já estudados por Kreutz (2002).

A segunda escola de Vale Real, que fora construída em 1898, funcionava em uma parte da casa de José Alcido Glaeser, e tinha como professor o recém nomeado Bernardo Petry, já contando com aulas em português. O dia 15 de março de 1899 foi um dia marcante, quando o professor ministrou a 11ª aula pública estadual em Kronenthal, reunindo 21 alunos. Já em 1905, Bernardo Petry construiu um pequeno espaço ao lado de sua moradia, transferindo a 11ª Escola Pública de Kronenthal para lá (STEINMETZ; LAMB; TEUSCHEL, 2010).

Ao mesmo tempo em que existiam escolas particulares e grupos de estudos, uma escola estadual estava saindo do papel. Conforme Steinmetz; Lamb; Teuschel (2010, p. 26):

No Vale Real, de 1875 até 1964, existia uma escola comunitária e uma escola pública. Em 1957, líderes comunitários, entre eles Roberto Ruschel, Kuno Stoffels, José Octávio Gregory, Fridolino Freiburger, Wilibaldo Freiburger, Alcides B. da Cunha e Edgar Mielke, iniciaram um movimento para conseguir uma escola estadual.

Felizmente, em 10/03/1960, criou-se o Grupo Escolar Bernardo Petry, mas suas novas dependências ainda não estavam finalizadas. Desse modo, as aulas continuaram provisoriamente em outro espaço. Após a conclusão do prédio, que só foi possível através da ajuda da comunidade, contribuições em dinheiro e rendas arrecadadas em festas, a partir de 10 de fevereiro de 1963, aquele ambiente escolar ganhou vida! A abertura da Escola, que estava pronta, contou com a presença de diversas autoridades da região e do Estado e um belo almoço com declamação de poesias para comemorar a conquista (STEINMETZ; LAMB; TEUSCHEL, 2010).

Desde lá, a instituição buscou sempre por melhorias. Houve ampliações do prédio e do terreno escolar devido ao aumento populacional, assim como a conquista de ofertar os demais anos do Ensino Fundamental e até o Jardim de Infância. No ano de 2002, ocorreu a maior vitória dos últimos tempos: trazer o Ensino Médio para a cidade. Após muita luta, argumentações e documentos emitidos e levados à CRE (Coordenadoria Regional de Educação) de São Leopoldo, deixando clara a necessidade do Ensino Médio em Vale Real, o pedido foi aprovado. Para colocar o ensino em prática, primeiramente foi preciso estar em dia com todas normas e exigências. Então, com a agilidade da comunidade escolar e recursos da Prefeitura Municipal, esse sonho tornou-se realidade. Em março de 2003, iniciaram-se as aulas para o 1º ano do Ensino Médio (STEINMETZ; LAMB; TEUSCHEL, 2010).

Percebe-se que Bernardo Petry construiu um legado um tanto quanto marcante e valoroso para o desenvolvimento da educação na cidade e conseqüentemente a toda comunidade valerrealense, sendo o primeiro professor da cidade a ter o diploma para exercer a profissão, levando seus saberes para o povo através da língua portuguesa. Estes 60 anos foram tempos de conquistas, sucessos, dificuldades, cooperação, trabalho em comunidade, grandes memórias e impasses perante a implantação de um cenário educacional.

Escrever a História, ou construir um discurso sobre o passado, é sempre um ir ao encontro das questões de uma época. A História se faz como resposta a perguntas e questões formuladas pelos homens em todos os tempos. Ela é sempre uma explicação sobre o mundo, reescrita ao longo das gerações que elaboram novas indagações e elaboram novos projetos para o presente e para o futuro, pelo que reinventam continuamente o passado (PESAVENTO, 2003, p.34).

Segundo Pesavento (2003, p.57), “história e Memória são representações narrativas que se propõem a uma reconstrução do passado e que se poderia chamar de registro de uma ausência no tempo”. E, devido a essa grande importância, tenho como objeto de pesquisa: os vestígios de uma cultura escolar a partir do registro de práticas de escolarização no ensino primário em uma escola pública estadual de Vale Real, a Escola Bernardo Petry, no período de 1958 a 1988. Por isso, analisar detalhadamente o processo de construção, sua história como marco na Educação do município, a cultura escolar ali construída e desenvolvida, as práticas pedagógicas usadas, seus objetivos e as festividades com grande participação da comunidade, seu patrimônio arqueológico e documental nos remete ao passado e automaticamente somos convidados a refletir sobre diversos aspectos relevantes em torno dessa instituição. Conforme afirma Souza (2014, p. 225): “as pesquisas em História da Educação contribuem, entre outros aspectos, para se pensar os processos, mudanças e continuidades de ações da educação no tempo.”

Diante dos diversos caminhos que a História pode nos levar, “as abordagens em torno da Cultura Escolar como objetivo histórico de pesquisa no Brasil têm sido profícuas em tematizar os saberes escolares e pedagógicos” (SOUZA; VALDEMARIN, 2004, p. 7). Compreendendo tal importância, foi-se em busca de arquivos para que, através da análise dos mesmos, fosse possível entender as práticas pedagógicas da época. Os documentos e fotografias podem ser usados para pensar todo o contexto ligado à instituição naquela época, remontar o passado e assim entender como se

dava o processo de formação desses indivíduos, a construção dos saberes e quais as práticas ali desenvolvidas (SOUZA; VALDEMARIN, 2004).

A História Cultural não é uma história nova, ela já era praticada na Alemanha a partir de 1780 e envolvia pintura, filosofia, literatura, química, dentre outras temáticas separadas. Já na Inglaterra, no século XIX, encontraram-se produções históricas sobre povoados e a humanidade. Precisamos considerar que a História foi dividida em quatro fases, mas que se entrelaçam: a fase “clássica”, a fase “história social da arte” (na década de 1930), a descoberta da história da cultura popular (na década de 1960) e a “nova história cultural” (BURKE, 1992). A história cultural traz consigo uma nova forma de fazer história, expandindo, aperfeiçoando e desenvolvendo as fontes já existentes (SANTOS; SOUZA, 2019). Chartier (1990) justifica que a História Cultural é uma forma de entendermos como uma realidade social é pensada, o que permeia aquelas ações e quais são seus fundamentos.

A Nova História Cultural começou a se interessar por toda a atividade humana, no sentido de se preocupar com toda estrutura e não somente com os acontecimentos narrados. Atualmente, convencionou-se a apenas identificá-la como História Cultural. Diferentemente da História intelectual e social, esta é uma história com sentimento, que faz uso da imaginação (BURKE, 1992). Nesse sentido, a escrita da história “[...] pode ser entendida como uma construção fomentada e elaborada a partir de vestígios, recolhidos em diversas possibilidades de fontes documentais, imagens e também memórias” (SANTOS; SOUZA, 2019, p. 84).

É preciso considerar a escola não apenas um local onde as crianças ficam horas, aprendendo conteúdos e fazendo parte de processos metodológicos e pedagógicos, mas sim um local onde é construído um saber, onde há uma transmissão cultural, de produção cultural, onde se colocam em prática valores e costumes de uma determinada região (VIDAL, 2006).

A cultura deixou de ser apenas um fato externo à instituição, algo com o qual lidava no desempenho de suas funções sociais; e passou a ser também um objeto interno, cujo escrutínio permitia compreender a escolarização como a negociação possível entre os interesses dos diferentes grupos sociais, a lógica do funcionamento institucional e a pragmática das ações dos sujeitos educacionais (VIDAL, 2006, p. 157).

A Cultura Escolar tem como dimensão o estudo das práticas escolares e vem sendo objeto de análise de vários estudos recentes no Brasil, visto que os

historiadores estão conquistando, aos poucos, espaço para fala na perspectiva da educação diante do cenário atual (FARIA FILHO, et al., 2004).

Para fundamentar a escolha teórica, usou-se Burke (2008), um dos maiores historiadores, que traz significativas contribuições sobre o conceito de Nova História Cultural, juntamente com Pesavento (2003). Em relação à cultura escolar, foram considerados os estudos de Santos; Souza (2019), Vidal (2006) e Faria Filho et al. (2004). Já Bacellar (2008) e Pimentel (2001) alicerçaram a metodologia da análise documental desenvolvida na trajetória desta monografia.

Este trabalho está estruturado em cinco partes. Neste capítulo (1), foram apresentadas as considerações iniciais, relacionando o contexto com a História, apontando também o conceito de cultura escolar e ressaltando a relação da acadêmica com o objeto de estudo. No capítulo 2, descreve-se a metodologia utilizada, análise documental e as revisões bibliográficas. Diante dos quadros é feita a classificação do material a ser estudado. O capítulo 3 abrange o cenário educacional no Brasil, Rio Grande do Sul e brevemente em Vale Real no período de 1950 a 1980. Já o capítulo 4 diz respeito aos vestígios escolares e às práticas de escolarização, trazendo a importância dos registros fotográficos como fonte de pesquisa. E, por fim, o capítulo 5 tange às considerações finais, que abrange todo o percurso, desde o início da pesquisa, contemplando os resultados obtidos, bem como os saberes construídos durante o estudo.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Para investigar sobre as práticas de escolarização na Escola Bernardo Petry dos anos 1958 a 1988 utilizou-se para embasamento teórico o conceito de História Cultural e Cultura Escolar, além da revisão de literatura, destacando o uso das fotografias, que, de um tempo para cá, estão ganhando espaço nas produções históricas.

Quanto à revisão de literatura, ainda não existem trabalhos científicos sobre a temática. Encontrou-se apenas o trabalho de Mariane Fruet de Mello, Elisângela Cândido da Silva Dewes e Rosângela de Souza Jardim, que traz informações através de uma revisão de literatura sobre a cidade de Vale Real, ainda na época Kronenthal (período de 1933 a 1942). As autoras abordam estudos sobre escolas étnicas no capítulo dez da obra “Migrações, Educação e Desenvolvimento”, publicada em 2019, englobando uma análise de vários artigos, teses e dissertações, a partir de um recorte temporal de estudos publicados nos últimos dez anos (2009 - 2019), com ênfase ao processo de escolarização em Kronenthal através de memórias na perspectiva de uma escola étnica comunitária (MELLO; DEWES; JARDIM, 2019)

A obra mencionada remete-se aos fluxos migratórios, revelando de que modo eles influenciaram na realidade histórica, possibilitando, assim, a compreensão de como a cultura está ligada diretamente com os processos escolares e as práticas desenvolvidas em comunidade. Segundo Santos (2019, p. 12), “as migrações fazem parte de nossa humanidade. E são também reflexos das construções de mundo em que estamos inseridos”. Ao longo da obra são feitas reflexões importantes acerca de migrações, espaços educativos e desenvolvimento regional.

Ao buscar no Google Acadêmico “educação em Vale Real”, não foi encontrado nenhum trabalho científico publicado. Outra palavra-chave utilizada foi “Bernardo Petry”. Nessa busca, foi encontrada uma dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), intitulada “Ensino e Aprendizagem da estatística no contexto do Ensino Médio Politécnico pelo desenvolvimento de uma pesquisa de campo”, defendida em 2015 por Daniel Ânderson Muller, que já atuou como professor na Escola Bernardo Petry (MÜLLER, 2015). Mas, apesar da presença do nome da escola, a dissertação não aborda a respeito da história da escola, o autor trata apenas na introdução sobre a sua relação com a educação e com o Ensino Médio, por ter trabalhado na escola,

atuando como professor de matemática e física desde 2009, trazendo dados contemporâneos.

Além desse trabalho, encontrou-se também a dissertação “Números complexos: interação e aprendizagem”, apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, da Universidade de Caxias do Sul, por Cassiano Scott Puhl em 2016. Ao longo da obra, o autor apenas cita a escola como cenário de aplicação da pesquisa juntamente com os estudantes do terceiro ano do Ensino Médio no terceiro trimestre letivo do ano de 2014. Em nenhum momento ele traz dados e contextualização da história e das práticas culturais da instituição, aspecto que é objeto desta monografia (PUHL, 2016).

Outro trabalho identificado foi a dissertação de Paula Biegelmeier Leão, intitulada “Transmissão Intergeracional do alemão em contato com o português em Vale Real-RS”, defendida em 2007, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A dissertação cita a Escola Bernardo Petry apenas como local da aplicação do questionário sobre o dialeto alemão em Vale Real. Não há um aprofundamento sobre a instituição. Nesse contexto, a primeira etapa de desenvolvimento da pesquisa consistiu na busca por bibliografia e revisão de literatura sobre o assunto que pudesse contribuir para a realização deste estudo. Contudo, identifica-se que há poucos trabalhos realizados sobre a localidade e a história da referida instituição (LEÃO, 2007).

Já a segunda etapa foi a busca por fontes documentais, visitando a instituição, e também se procurou com moradores da comunidade que estudaram e/ou trabalharam nessa escola “vestígios da cultura escolar” a partir dos chamados “documentos ordinários”, como define Cunha (2009). A visita à escola possibilitou identificar um número significativo de fotografias, poucos documentos e um trabalho memorialístico.

Durante anos, as publicações referentes à história, bem como suas pesquisas, tiveram como base e principal fonte os documentos escritos. Somente após a criação da Revista *Annales* emergiu uma nova concepção de história: na ausência de documentos, acreditou-se na possibilidade de construir memórias usando outras fontes. Eis o momento em que a fotografia ganhou espaço. Através da “revolução documental”, foi na década de 1960 que as fotografias começaram a ser utilizadas como fonte para a História da Educação (OLIVEIRA;TAMBARA, 2004).

[...] a imagem, enquanto registro de algo no tempo, é testemunho de época, mas testemunho também de si própria, tal como o texto literário, ou seja, cabe atingir o momento de sua feitura, e não a temporalidade do seu conteúdo ou tema. Em suma, ver como uma época se retrata ou retrata o passado, se for o caso, ou ver, na imagem, quais os valores e os sentimentos que se busca transmitir, quais os sonhos e fantasias de um tempo dado, ou quais os valores e as expectativas do social com relação aos atores (PESAVENTO, 2003, p. 53).

Falar de Nova História Cultural é dar novas possibilidades e compreender que a História não é somente o passado e as correntes de ideias, mas sim que a cultura é algo construído gradativamente pelo ser humano com o passar do tempo diante das modernidades e necessidades, tornando-se uma explicação para entendermos o presente (PESAVENTO, 2003).

O recorte temporal realizado é equivalente à época das memórias fotográficas escolhidas para pesquisa neste trabalho. Estes materiais foram reunidos pela estudante durante o desenvolvimento do mesmo. Algumas fotos foram encontradas no acervo da escola, já outras, disponibilizadas por Madalena Pellenz, antiga Secretária da Educação de Vale Real e diretora da Escola Estadual Bernardo Petry, nos anos de 1982 a 1995. Alguns documentos escritos e mimeografados, que, por sinal, estão muito bem conservados, foram fornecidos por Gilberto Freiburger, que fez parte do CPM da Escola durante muitos anos.

Além das fotografias, como referido anteriormente, utilizou-se também de um manuscrito memorialístico dos 50 anos da Escola Estadual Bernardo Petry, organizado por Adriana Steinmetz, Gladis Cristina Lamb e Marisa Teresinha Teuschel. O material traz informações claras e objetivas sobre datas, professores e um breve progresso da escola com o passar dos anos, além de depoimentos de ex-diretores e professores que fizeram parte de maneira ativa da caminhada dessa instituição rumo à evolução, promovendo sempre a cidadania e a educação.

A terceira etapa deu-se através da classificação, agrupando as fotografias que faziam parte do mesmo assunto com os documentos que tinham relação. A fase de organização dos documentos e das fotografias é uma forma que a acadêmica encontrou para facilitar e organizar de modo claro o presente trabalho para depois analisar cotejando com documentos escritos, como, por exemplo: atas, convites para solenidades e festividades, inaugurações em prédio novo... Conforme Pimentel (2001, p. 192): “No processo de articulação do presente com o passado, o pesquisador volta-se às suas raízes, ativa ou reativa a memória”. Além da cuidadosa observação aos

detalhes trazidos pelas fotografias, foram feitas possíveis assimilações através da ligação entre as mesmas e os processos educativos desenvolvidos na instituição, trazendo à tona cenas do cotidiano escolar e do envolvimento da própria comunidade.

[...] a imagem, enquanto registro de algo no tempo, é testemunho de época, mas testemunho também de si própria, tal como o texto literário, ou seja, cabe atingir o momento de sua feitura, e não a temporalidade do seu conteúdo ou tema. Em suma, ver como uma época se retrata ou retrata o passado, se for o caso, ou ver, na imagem, quais os valores e os sentimentos que se busca transmitir, quais os sonhos e fantasias de um tempo dado, ou quais os valores e as expectativas do social com relação aos atores (PESAVENTO, 2003, p. 53).

A relação do historiador/pesquisador com a fonte é algo único. Não é preciso somente olhar, mas sim explorar e observar todo um cenário em torno do material, ter um olhar que vai além. As fontes documentais possuem valores, e trazem sentimentos, testemunhos que despertam o interesse, não somente “velhos papéis amarelados” (BACELLAR, 2008).

Quanto à categorização das fotografias e documentos, apresento a seguir os quadros para que assim fiquem dispostas de modo claro. As imagens foram classificadas de acordo com o que foi analisado na foto, ano e quem a forneceu (sua fonte). Conforme Pimentel (2001), é indispensável o processo de organização do material, visto que, depois de feita essa sistematização e um levantamento de dados que possibilite um entendimento, é mais fácil manusear e usar de forma correta.

Para melhor organização, primeiramente quantifiquei as fotografias, separando-as através de suas fontes e períodos. As fotografias "*permiten al historiador desvelar aspectos del pasado que no transmiten las fuentes escritas, y son más ricas en determinados matices[...]*" (BADANELLI, 2020, p. 3). Dessa maneira, temos material de 1917 a 1995, como pode ser visto no quadro a seguir.

Quadro 1 - Fonte, quantidade encontrada e período da fotografia

(continua)

Fonte	Quantidade	Período
Acervo da Escola	32	1963 / 1973 / 1974 / 1977 / 1980 / 1981 / 1982 / 1986 / 1987 / 1988 / 1990 / 1991
Madalena Pellenz	35	1980 / 1986 / 1987 / 1988
Gilberto Freiburger	23	1918 / 1975 / 1976 / 1978 / 1982 / 1991 /

		1993 / 1995
--	--	-------------

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Dentre documentos escritos (atas, convites e bilhetes) que fazem parte desta pesquisa e que possuem informações importantes, quero chamar atenção para as fotografias, que, segundo Badanelli (2020, p. 6), *“toda imagen puede ofrecer testimonio de algunos aspectos de la realidad social que los textos pasan por alto intencionadamente o no”*.

Ao olhar com calma, após a disponibilização das fotografias pelos donos, naturalmente houve uma separação em grupos: atos cívicos, festas locais, atividades desenvolvidas (clube de mães) e inaugurações. “[...] o próprio material dirigiu o estabelecimento dos temas que viriam a compor as categorias de análise [...]” (PIMENTEL, 2001, p. 187). Apresento, portanto, o quadro 2:

Quadro 2 - Classificação das fotos por tema e quantidade relacionada

Tema	Quantidade	Ano
Desfile Cívico	6	1982 / 1987
7 de Setembro	5	1982
Bauernfest (festa de integração)	6	1987 / 1988
Semana Farroupilha	6	1973
Meio Ambiente (APAVERDE)	3	1982
Comemorações e inaugurações	21	1980 / 1981 / 1990
Festa do Colono	14	1981 / 1986
Clube de Mães	5	1980
Natal	6	1974
Sala do Jardim de Infância	2	1980

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Observa-se uma quantidade expressiva de fotografias em relação às comemorações, inaugurações e festas. Isso se deve à grande importância desses eventos na comunidade escolar na época, que realizava comemorações simbólicas

carregadas de costumes e valores culturais da comunidade. “Trabalhar com a História Cultural seria desvendar essa teia, na busca do universo simbólico contido em cada traço do passado.” (PESAVENTO 2003, p. 66).

As comemorações escolares, na sua maior parte, eram passeatas pela cidade, hinos, marchas, apresentações, plantio de mudas de árvores, torneios ginásticos e gincanas. Também havia a distribuição de boletins no fim do ano letivo e a encenação simples de Natal. Já nas inaugurações, oficiais do estado, inspetores e secretários compareciam para honrar as conquistas com a preparação de grandes almoços ou jantas (CÂNDIDO, 2019, p. 8).

Quadro 3 - Análise dos traços de práticas escolares nas fotografias

(continua)

Ano	Tema	Descrição
1982	Desfile Cívico	Crianças com pimentões e tomates na cabeça e carregando pés de beterraba, tomate, alface, repolho... Produtos de nossa terra. Em outra fotografia, algumas alunas carregam faixas com dizeres: datilografia, violão, trabalho manual, pintura, tricô, distração. Alguns meninos tocando violão também estão presentes.
1982	7 de setembro	O Jardim de Infância usava um avental com as cores do Brasil costuradas, e latas amarelas e verdes em apresentação. Já alunos maiores tinham pompons, bastões e folhas com as letras da palavra Brasil. Todos enfileirados para a hora cívica e a professora de frente para as turmas coordenando.
1987/1988	Bauernfest (festa de integração)	Apresentação de danças para a comunidade, com trajes típicos alemães vermelho e branco.
1973	Semana Farroupilha	Prendas e peões tipicamente trajados. Em algumas fotos, apresentando-se para os demais alunos da escola. Já em outra, um cartaz explicativo das vestimentas e representando um gaúcho. Prendas e peões carregando placa (continua) dança, chimarrão, alegria, laços, gaúcho... Já em outro registro, quando o município pertencia a Feliz, desfile de adultos com cavalos e o grupo do CTG Rancho Feliz.
1982	Meio Ambiente (APAVERDE) Patrulha do	Projeto desenvolvido nas turmas para recolher lixo jogado, plantar árvores. Todos tinham uma camiseta personalizada do projeto.

	verde: a esperança do amanhã	
1980/ 1981/ 1990	Comemorações e inaugurações	<p>Quanto às comemorações mais antigas, vemos fotos ainda em preto e branco. Algumas do primeiro prédio da escola, uma casa comprida e simples com janelas basculantes. Em alguns atos oficiais, como novas dependências, em 1980, temos a presença do padre e um grande número de mulheres. Os alunos em fila, para entoar o hino. Madalena Pellenz e Gilberto Freiburger aparecem em algumas fotos (1980) cortando faixa de inauguração.</p> <p>Na inauguração da cancha de esportes (1981), temos apresentações de alunos, com fita fazendo movimentos no ar e um senhor chutando a bola no centro do campo (o pontapé inicial) após cortar a faixa. Havia um número expressivo de cidadãos prestigiando. A inauguração da pracinha contava com um balanço duplo, um escorregador e uma gangorra. A restauração da cancha em 1990 foi inaugurada com jogos de futebol de alunos. Percebe-se que as mães eram muito presentes, sempre prestigiando o desempenho dos filhos nas atividades promovidas pela escola.</p>
1981/ 1986	Festa do Colono	<p>Desfile realizado na Rua Rio Branco, estrada de chão. Um caminhão era fixado em frente à Sociedade Cultural Aliança; nele ficavam o prefeito e organizadores do evento. O público que ali se concentrava para assistir ao desfile era grande. Percebe-se que participavam desse desfile os diversos setores de serviço do município.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Caminhão antigo mostrando o serviço de telas e funilaria de Ricardo Glaeser (decorado com telas, tachos e barras de ferro/alumínio). - Outro caminhão com um aglomerado de homens comendo e fazendo churrasco, tomando cerveja, tocando gaita e tomando chimarrão. A decoração era feita com alfafa e caixas de cerveja. - Em outro automóvel temos uma tobata, que é usada na agricultura para lavar as lavouras. - Outro automóvel carrega dois bois. - Temos também um grupo de amigos, onde um toca violino; estão sentados sob um guarda-sol. Ao redor deles, várias latas de

		<p>tinta e sacos de cimento.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Um trator Agrale 4100 dirigido por uma criança também faz parte do desfile, carregando repolho, cenouras, pasto e um pulverizador de costas. Provavelmente, representavam a agricultura familiar. - Algumas meninas com bambolês.
1980	Clube de Mães	Em alguns registros, encontram-se os materiais produzidos manualmente pelo grupo Amizade, como almofadas, trilhos de mesa em crochê, roupas de cama bordadas.
1974	Natal	Celebrações com o padre da cidade, pais e alunos. O pinheiro era enorme e natural. Observa-se o predomínio feminino (pais quase não compareciam). Em uma das fotos, uma possível encenação de Natal, onde, através das vestimentas, são representados anjos e os três reis magos.
1980	Sala do Jardim de Infância	<p>Cadeiras pequenas e mesas redondas cor creme, na parede a decoração era da Branca de Neve e os Sete Anões, Patolino e Frajola. No teto, havia palhaços e ursinhos pendurados, como se fossem móveis.</p> <p>A mesa da professora era um pouco mais alta, tenho um arranjo de flores artificias para enfeitar.</p>

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Os vestígios presentes nas fotografias indicam que havia formas diferentes de demonstrar o que foi aprendido durante um período letivo. Cândido (2019) argumenta que ideias diferenciadas na área educacional servem para desenvolver no aluno, além da inteligência, saberes morais, de responsabilidade, sensibilidade, vontade, assim visando ao desenvolvimento integral do educando, além de tornar o ensino menos monótono.

A análise fotográfica não se trata meramente de uma única imagem. É preciso fazer uma correlação com demais fotografias, identificando os elementos presentes, montando uma linha de raciocínio e, a partir delas, cotejar com acontecimentos daquela época, e se possível outras fontes também (LIMA; CARVALHO, 2009).

Quadro 4 - Documentos escritos e suas características sinteticamente

(continua)

Fonte	Tipo de documento	Descrição prévia	Ano
Gilberto Freiberger	Fotografia	Alunos de várias idades, aparentemente, sentados ao redor de uma placa com o dizer: "11ª Aula Pública Kronenthal Cahy Março de 1918". Ao lado da placa, um senhor com mais idade; provavelmente seja o professor.	1918
	Ata (12/07/76)	Posse da nova diretoria no Grupo Escolar Bernardo Petry.	1976
	Convite para festa da escola (03/10/76)	Convite para participar da missa e logo após almoço festivo do Grupo Escolar Bernardo Petry para arrecadação de fundos com a finalidade de construir o ginásio.	1976
	Pedido de guarda policial	Documento ao comandante da polícia para fazer a segurança do baile promovido pelo Grupo Escolar Bernardo Petry.	1976
	Convite (11/12/78)	O CPM convida para os Atos Oficiais da Criação e Instalação do Clube de Mães "Amizade" na Escola, dia 20 de dezembro, nas dependências da Escola. Programação: ato religioso, composição da mesa oficial, hino nacional, entrega dos certificados: curso confeitoiro, tapeçaria e pintura em tecido. Exposição de trabalhos manuais e integração comunitária.	1978
	Convite (outubro de 1978)	Convite para o Padre Canísio Bays (vigário da paróquia na época), para participar da inauguração do novo prédio da escola no dia 05/11/1978 com ampliação para oferecer a 6ª série.	1978
	Ofício (29/09/82)	Ofício destinado ao Deputado Federal Carlos Alberto Algayer, para pedir uma verba de cem mil cruzeiros para adquirir material didático, medicamentos,	1982

		vestuário, alimentos...	
	Texto para atos oficiais de fim de ano (22/12/92)	Saudações aos pais, professores, padre, à doméstica e a alguns nomes como Wilibaldo Freiberger (que sempre foi líder comunitário).	1982
	Bilhete de autorização para pais (16/09/91)	Bilhete que foi enviado da escola para pais, a fim de ter a autorização para que pudessem participar da Setembro Fest (em Feliz) no dia 20/09/91 e para piquenique dia 11 de outubro em comemoração do Dia da Criança.	1991
	Ata de nova diretoria do CPM (13/03/93)	Ata de reunião da nova diretoria do CPM da Escola.	1993
	Decreto (04/01/95)	Decreto do governador do Rio Grande do Sul para a substituição dos atuais Diretores e Vice-Diretores.	1995

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

A análise documental a ser desenvolvida detalhadamente nos próximos capítulos tange às práticas pedagógicas presentes no cotidiano da Escola Bernardo Petry, observando-se uma cultura ali construída, levando em consideração as tradições locais e necessidades que surgiam na época, bem como os processos de escolarização no âmbito brasileiro, rio-grandense e da própria cidade Vale Real.

3 CONTEXTO DE ESCOLARIZAÇÃO EM VALE REAL

Este capítulo refere-se ao campo educacional brasileiro, mais precisamente entre os anos 1950 a 1980, englobando os principais acontecimentos e estabelecendo ligação com os processos de escolarização no Rio Grande do Sul e em Vale Real. Através da compreensão do desenvolvimento da Educação em âmbito nacional e estadual, é possível remontar o cenário educativo em Vale Real e interpretar através de vertentes relacionando com os vestígios que são percebidos nos registros fotográficos.

Históricos, também eles (o espaço e o tempo escolar) foram sendo produzidos diferenciadamente ao longo da nossa história da educação e se constituíram em dois grandes desafios enfrentados para se criar, no Brasil, um sistema de ensino primário ou elementar que viesse a atender, minimamente que fosse, às necessidades impostas pelo desenvolvimento social e/ou às reivindicações da população (VIDAL; FARIA FILHO, 2005, p. 43).

Os anos 30 desencadearam uma série de fatos na política brasileira. O país, que antes era governado por homens da nobreza considerados poderosos pelo povo em Minas Gerais e em São Paulo, na época da política do “café com leite”, agora seria comandado por gaúchos, o que acabou ocasionando a Revolução de Outubro de 1930, tendo como presidente Getúlio Vargas (GHIRALDELLI JUNIOR, 2009).

A indústria teve grande crescimento durante a década de 1930. Em 1933, a produção industrial foi maior que a agrícola, fomentando um crescimento populacional e, como consequência, a evolução dos setores de serviço e menos mão de obra. Com a diminuição do serviço “pesado”, entende-se que os setores médios exigiriam conhecimento e desenvolvimento escolar (GHIRALDELLI JUNIOR, 2009).

Sem demora, Vargas estava de olho nas mudanças, e, como chefe do “Governo Provisório”, em 3 de novembro de 1930, lançou um plano, criando o Ministério da Educação e da Saúde Pública, sendo considerado um programa transformador (GHIRALDELLI JUNIOR, 2009).

No entanto, em 1932, Fernando de Azevedo organizou o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, tendo como subtítulo: A reconstrução educacional do Brasil - ao povo e ao governo. O mesmo diz respeito às mudanças que ele propôs, em que a Educação Nova deveria servir aos interesses do aluno, criando uma escola

socializada, com o direito de educação para todos e desenvolvendo valores (GHIRALDELLI JUNIOR, 2009).

“[...] o maior problema da educação no país (...) está na insuficiência dos planos de governo. Faltaria a eles uma *filosofia da educação* e, mais, uma *visão científica* dos problemas educacionais. O “movimento de renovação educacional”, representado no texto, se propõe, então, a retirar a escola e os programas de ensino dos “quadros de segregação social vigentes, adequando a escola à nova sociedade urbano-industrial emergente. Segundo o documento de 1932, a nova filosofia da educação deveria adaptar a escola à modernidade e, para tal, teria que aplicar sobre os problemas educacionais de toda ordem os métodos científicos.” (GHIRALDELLI JUNIOR, 2009, p. 42)

O somatório de fatos fez com que Vargas, em novembro de 1932, montasse uma comissão para desenvolver e pensar no projeto de Constituição. Segundo Ghiraldelli Junior (2009, p. 73), “[...] os traços do ideário liberal ficam claros. A educação nacional deveria ser “democrática, humana e geral, leiga e gratuita”. Na Carta Magna de 1934, fixou-se a gratuidade e obrigatoriedade do ensino primário integral. Já em 1937, o ensino profissionalizante estava sendo colocado em pauta, visando e incentivando o acesso das classes menos favorecidas a essas instituições (GHIRALDELLI JUNIOR, 2009).

Durante o período do Estado Novo (1937 a 1945), tiveram origem as Leis Orgânicas do Ensino (1942-1946) e a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). A escola, naquele período, oferecia o ensino contendo o ginásio, curso profissionalizante e o curso superior, de modo que favorecia a elite. Devido ao crescimento da indústria, visto que a formação nessas escolas não era tão ágil, foram criados o SENAI e SENAC, a fim de promover mão de obra de forma rápida e qualificada. O fim do Estado Novo deu-se em outubro de 1945 (GHIRALDELLI JUNIOR, 2009).

Com a criação dos partidos políticos: PTB, PSD e UDN, houve a tentativa de formular a primeira LDBEN. O projeto foi ao Congresso, mas em 1949 acabou sendo arquivado. Dois anos depois, em uma nova tentativa de aprovação, a informação foi de que o projeto não estava mais lá. Após a reestruturação de um novo projeto, a LDBEN, em 1961, foi aprovada pela Câmara e mais tarde pelo Senado.

Ghiraldelli Júnior (2009) aponta que entre os anos de 1950 e 1960 a maior parcela da população se encontrava em meio às indústrias, e não mais no espaço rural, o que trouxe à tona a discussão de se empregar um ensino sanando somente as necessidades industriais. Nessa época, o ensino de matemática e ciências foram

incrementados (CURY, 2009, p. 34). Conforme Souza (2020, p. 61), “o século XX também assistiu a inúmeras transformações, no que se refere ao espaço rural, o Brasil passou de uma sociedade eminentemente agrária a uma sociedade industrial, e a cidade assumiu a posição de guia, de modelo dos paradigmas culturais e sociais”.

Com a finalidade de um Brasil democrático, uma série de movimentos sociais, políticos e culturais surgiram. No meio disso, Paulo Freire tornou-se o protagonista, detentor da pedagogia problematizadora. Segundo Ghiraldelli Junior (2009, p. 107), “tal concepção em filosofia da educação afirmava ter o homem vocação para “sujeito da história”, e não para ‘objeto’ [...]”. Sua pedagogia consistia em formar uma nova mentalidade, partindo do real e desenvolvendo a criticidade (GHIRALDELLI JUNIOR, 2009).

Num período um tanto histórico e rígido, a ditadura militar teve a duração de 21 anos (1964-1985) e, por sua vez, foi cenário de árduos acontecimentos no que diz respeito à educação. A privatização do ensino, a exclusão dos mais pobres com o ensino superior reservado às elites, um vestibular mais rigoroso e um ensino profissionalizante atendendo às demandas do mercado foram ocorrências daquele tempo (GHIRALDELLI JUNIOR, 2009).

Em suma, a “[...] educação apareceu como um direito social, junto da saúde, do trabalho, do lazer, da segurança, da previdência social [...]” (GHIRALDELLI JUNIOR, 2009). Em 1988, além dos benefícios que a Constituição havia trazido para a Educação, também foi elaborado um projeto para uma nova LDB, porém a mesma não foi aprovada. A proposta da nova LDB, que foi promulgada em 1996, era do Senador Darcy Ribeiro. Nesse sentido, Cury (2009), acrescenta:

A busca pela redemocratização (do país), a necessidade de se repensar um novo pacto fundamental para o país e a urgência de normas estruturantes conformes à democracia, conduziram a uma impressionante mobilização popular e, depois, à Constituinte de 1987. Seu produto: Constituição de 1988, teve uma significativa participação. Nela, a educação é afirmada como o primeiro dos direitos sociais (art. 6º), como direito civil e político [...] (CURY, 2009, p. 25).

As visões em torno do papel da Escola também mudaram com o passar do tempo. A escola é um ambiente onde são construídas identidades, reproduzidos costumes e as interações com o meio e os sujeitos modificam o ser humano constantemente. Segundo Vidal e Faria Filho (2006, p. 31):

O indivíduo deveria ser formado pela e para a vida social, em um ambiente em que a experiência pessoal e ativa fosse valorizada e em que todo estudo se convertesse em objeto de aquisição de trabalho em comum, constituído com a finalidade de formar o cidadão produtivo.

No Rio Grande do Sul, a partir de 1900, imigrantes alemães, em números expressivos, começaram a chegar. As escolas que foram sendo desenvolvidas tinham cunho religioso. Conforme Lopes, Faria Filho e Veiga (2003, p. 356), “[...] havia no Rio Grande do Sul, em 1920, um total de 787 escolas teuto-brasileiras, sendo 310 católicas, 365 evangélicas e 112 mistas”. Em maio de 1938, através de um decreto (406 de 13 de maio), o Governo sancionou a lei que todo material didático fosse em português e que os professores fossem brasileiros, e não estrangeiros, sendo assim estava proibida a circulação de informações estrangeiras através de revistas, e os alunos deveriam aprender sobre o seu país, Brasil. Deveriam aprender o português para melhor poderem se comunicar e enfrentar os desafios do cotidiano (VIDAL; FARIA FILHO, 2005).

As escolas paroquiais tiveram importante papel no ensino, principalmente no sul do país, onde predominavam as cidades com agricultura familiar. Elas foram formadas antes da proclamação da República, e normalmente construídas ao lado ou no interior das capelas e igrejas (CURY, 2009 p. 80). De acordo com Steinmetz; Lamb; Teuschel (2010), havia uma escola ao lado da capela em Vale Real, que, a partir de 1875, teve suas aulas ministradas por Estéfano Theissen. Segundo Mello; Dewes; Jardim (2019), nos anos de 1933 a 1942, quando o município ainda se chamava Kronenthal, existiam escolas étnicas que se originaram através dos imigrantes alemães.

Em Vale Real, Bernardo Petry, após ser aprovado e nomeado em concurso público, pelo Decreto nº 89 de 02 de fevereiro de 1897, tornou-se professor da “11ª aula pública estadual em Kronenthal”. A escola tinha sua sede junto à casa de José Alcido Glaeser (STEINEMETZ; LAMB; TEUSCHEL, 2010). Conforme afirma Lopes, Faria Filho e Veiga (2003, p. 144): “Eram escolas cujos professores eram reconhecidos ou nomeados pelos órgãos de governo responsáveis pela instrução e funcionavam em espaços improvisados, geralmente, na casa dos professores [...]”.

Souza (2015) argumenta que no Rio Grande do Sul a escola primária responsável pela escolarização em diferentes regiões, de forma predominante, foi a escola isolada, ou escola multisseriada, modalidade em que um único professor ministrava aulas para alunos de diferentes idades e classes de adiantamento.

Contudo, o referido autor acrescenta que, no final do século XIX, com o advento da República no Brasil, uma outra forma de organização do ensino primário foi implantada: os colégios elementares, chamados posteriormente de Grupos Escolares.

Os grupos escolares, inicialmente implantados em São Paulo, e no início do século XX, 1909, com nome de Colégio Elementar, no Rio Grande do Sul, pretendiam substituir as escolas isoladas, oferecendo ensino seriado com uma estrutura para modernizar a escola (SOUZA, 2008). Todavia, essa prática não aconteceu da mesma forma em todas as partes do Brasil. Em Vale Real, como argumentado anteriormente, a presença da escola étnica prevaleceu até meados de 1972. Posteriormente, instituiu-se a escola pública primária, com a criação do Grupo Escolar Bernardo Petry. Porém, vale ressaltar que, junto aos avanços na década de 1980, os legados da modalidade de ensino anterior foram, de certa forma, preservados em relação ao modo de organizar as aulas e manter a administração, como herança da escola de primeiro grau fundamental que ainda existe na localidade.

Desse modo, os diversos acontecimentos no decorrer das décadas refletem, de alguma forma ou outra, em cada povoamento. As contribuições positivas, as adversidades e as barreiras que transcorreram o campo educacional provocaram mudanças num todo.

4 VESTÍGIOS DA CULTURA ESCOLAR E DAS PRÁTICAS DE ESCOLARIZAÇÃO NA ESCOLA BERNARDO PETRY

Os vestígios da cultura escolar e das práticas de escolarização em Vale Real são tópicos a serem aprofundados e contemplados nesta pesquisa. Poucos registros foram encontrados das épocas que antecedem a criação da instituição, mas através do número expressivo de fotografias consegue-se compreender o cotidiano e as práticas ali desenvolvidas.

O município, que outrora pertenceu a Feliz e inicialmente a São Sebastião do Caí, desenvolveu-se de modo influenciado pelas tradições alemãs. Juntamente com isso, o ensino na primeira escola do município, em 1875, era no dialeto alemão (STEINMETZ; LAMB; TEUSCHEL, 2010). “A vida em comunidade organizava-se em torno de suas escolas, igrejas, considerando o princípio religioso e escolar, entendidos como legado e tradição germânica” (SOUZA; CONCEIÇÃO, 2014, p. 231).

Inicialmente o ensino acontecia na casa de pessoas influenciadoras da comunidade, não tendo um espaço próprio. “Grosso modo, pode-se dizer que tais escolas utilizavam-se de espaços cedidos e organizados pelos pais das crianças e jovens aos quais os professores deveriam ensinar” (FARIA FILHO; VIDAL, 2000 p. 21). A 11ª Aula Pública em Kronenthal ia ao encontro das características alemãs.

A vida em comunidade e a reprodução cultural dos costumes europeus abaixo da linha do Equador caracterizaram-se pela experiência da agricultura, dos trabalhos liberais e da escola comunitária. As escolas comunitárias, também conhecidas como Aulas, compunham o cenário das comunidades germânicas, ao lado da igreja e do cemitério (SOUZA; GRAZIOTTIN, 2015, p. 391).

Para Faria Filho; Vidal (2006, p. 68), a estrutura das escolas rurais “[...] baseava-se no ideal de construções simples, sem padrão definido, reguladas por um conjunto de requisitos essenciais, tais como salas de aula, pátio coberto para recreio, banheiros e casa para o professor [...]”. Após a inauguração do Grupo Escolar Bernardo Petry, em 1960, diante das fotos, percebe-se que ele foi construído seguindo o modelo citado por Faria Filho e Vidal anteriormente, exceto a casa do professor.

Os grupos escolares no Brasil, em meados do século XX, em compasso com o processo de urbanização e democratização do ensino público, deveriam ter substituído a forma artesanal em que se configuravam as escolas primárias. No entanto, há de considerar a participação de outros tipos de escolas primárias nesse processo, especialmente das Escolas Isoladas, que até a

década de 1970 representaram a forma de escolarização possível [...] (SOUZA; GRAZIOTTIN, 2015, p. 403).

O interior de uma instituição é um local que nos mostra de que modo uma cultura é construída, “entendendo que as práticas são criadoras de formas apropriadas pelas quais os sujeitos ‘inventam uma cultura escolar’” (SOUZA; GRAZIOTTIN, 2015, p. 388). Assim, com o passar do tempo, o aluno vai elencando e produzindo saberes, formando uma identidade e conseqüentemente contribuindo para a construção de um povo.

As práticas utilizadas, como memorização e provas com o caráter eliminatório, vêm se modificando com o tempo. Nesse sentido, os saberes sobre a educação contribuem para “[...] avançar no conhecimento que temos sobre as transformações de princípios educacionais (pedagogia) em práticas educativas, assim como sobre a relação entre reformas educacionais e mudança de prática” (CHARTIER, 2005, p. 81). Percebe-se nos vestígios presentes nas fotografias que as práticas escolares desenvolvidas tinham sentido para aquele aluno, sendo associadas a coisas da vivência dele, do cotidiano familiar. Através das práticas desenvolvidas e conteúdos abordados na sala de aula, entendem-se quais eram as finalidades daquele ensino, as estratégias e seus objetivos.

Conforme os avanços educacionais no país, legislações e regras foram criadas para que o ensino fosse mais organizado e com objetivos a serem cumpridos.

A distribuição do tempo escolar em aulas, períodos, anos e cursos indica também uma concepção sucessiva e parcelada do ensino. Segmentados, os conhecimentos se acumulam, sem necessariamente se relacionarem. O tempo escolar se associa a horas em que se permanece na escola, contabilizadas em sinetas, recreios, cadernos, da mesma maneira que nos ponteiros do relógio (FARIA FILHO; VIDAL, 2005, p.70).

Como é possível observar, este capítulo que se encerra está estruturado em duas partes. Na primeira, contou-se a história da instituição desde os primórdios, a partir de registros fotográficos, como surgiu, e quais foram os avanços educacionais nesta cidade, trazendo e conceituando os grupos escolares. Já na segunda parte, selecionou-se, através da análise documental, três grupos de práticas escolares realizadas na Escola Bernardo Petry, tendo como destaque a realização das festas locais.

4.1 UM MODO DE CONTAR A HISTÓRIA DA BERNARDO A PARTIR DE FOTOGRAFIAS

Alguns fatos, quando associados, nos permitem remontar um pouco do passado sobre as práticas de escolarização e o desenvolvimento de costumes até que a Escola Bernardo Petry se tornasse realidade. O memorial dos 50 anos dessa escola trouxe algumas informações sobre o desenvolvimento da educação na cidade.

Em meados de 1875 foi construída a primeira escola particular, tendo aulas em alemão. Estéfano Theissen foi o primeiro professor da cidade, porém dava aula na escola que havia sido construída no mesmo ano, mas ao lado da Capela. O material didático da época era a Bíblia, uma lousa (chapa) e um estilete de pedra para escrever. Para apagar algo, usava-se um pano molhado, e o estojo era feito com bambu e tampa de sabugo de milho. A metodologia consistia em memorização e provas orais e escritas no final do ano. A classe era composta por mais ou menos 60 alunos de séries diferentes. Já o professor, usava giz no quadro (STEINMETZ; LAMB; TEUSCHEL, 2010).

Conforme Steinmetz; Lamb; Teuschel (2010), Bernardo Petry, após ser nomeado no concurso público, assumiu em 1899 a 11ª Aula Pública Estadual em Kronenthal, município que na época pertencia a Cahy (São Sebastião do Caí). Logo abaixo, pode-se ver o registro de uma das aulas públicas, onde há muitos alunos, de diferentes idades, uma placa e o professor.

A representação contida nessas imagens é a expressão da ordem escolar. É possível que a disposição em fileiras sucessivas, na primeira um grupo de alunos sentados e nas outras em pé, cada uma sobrepondo-se à outra, tenha sido uma solução técnica para o enquadramento de um grande número de crianças. Essa disposição tão difundida torna inconfundível uma foto de classe. O grupo é quase sempre acompanhado da professora ou do professor, que se posiciona ao lado ou no meio da turma. Em algumas imagens, encontra-se, também, o diretor da escola. Dessa forma, as fotografias de classes reproduzem a estrutura essencial da escola graduada – grupos escolares (SOUZA, 2001, p. 88).

Figura 3 - 11ª Aula Pública Cahy



Fonte: Acervo pessoal de Gilberto Freiberger.

Em 1900, Bernardo Petry comprou uma casa, e em 1905 construiu ao lado de sua moradia uma escolinha, transferindo assim a “11ª Escola Pública de Kronenthal” para aquele local. Além de ser um grande professor, e o primeiro a falar português, Bernardo era um incentivador, organizava corais em alemão e português, além de ministrar cursos gratuitos de alfabetização na parte da noite (STEINMETZ; LAMB; TEUSCHEL, 2010).

Até a década de 50, em Vale Real, as aulas funcionaram nas escolas étnicas e paroquiais. Bernardo Petry continuou as aulas ao lado de sua casa, vizinha da Paróquia Santos Reis, espaço organizado por ele mesmo ao comprar a casa em 1905.

Figura 4 - Prédio da Escola Bernardo Petry em 1963



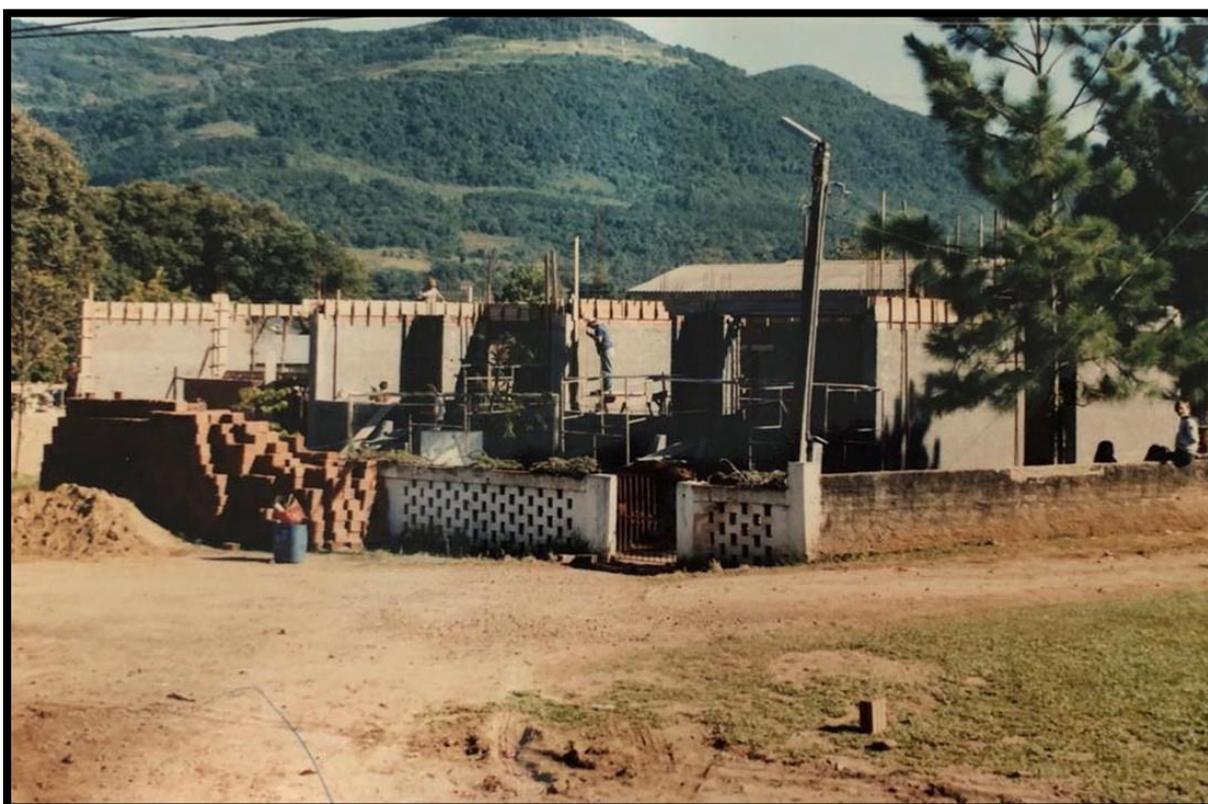
Fonte: Acervo da escola Bernardo Petry.

A fotografia acima representa o início da Escola Bernardo Petry, localizada às margens da RS 452. Nessa época, ela possuía 4 salas, cozinha, sala de professores, depósito e banheiros. Foi inaugurada em 1960, mas oficialmente em 1963. Após a conclusão total da obra é que as aulas começaram a ser ministradas lá. Conforme o artigo 87, incisos II e XV da Constituição do Estado, denominou-se o estabelecimento como: Bernardo Petry, o Grupo Escolar de Vale Real. Em 1979, mais quatro salas foram construídas e, em 1980, ocorreram mais ampliações: biblioteca, laboratório de ciências, sala do Jardim da Infância, cozinha e refeitórios novos (STEINMETZ; LAMB; TEUSCHEL, 2010). Nesse sentido, Faria Filho e Vidal (2000, p. 14) corroboram, dizendo que:

Apesar de não instalados em todo o território nacional, os grupos escolares, nos anos 1920 e 1930, sofreram alterações na forma e na cultura escolares que constituíam. As reformas de ensino, inspiradas em ideais escolanovistas, em que pese a diversidade de propostas que defendiam e de suas diferentes realizações, 6 tenderam a ressignificar tempos e espaços escolares (FARIA FILHO; VIDAL 2000, p.14).

Diante das necessidades, em 1979, o Decreto Estadual nº 28.946, de 29 de junho daquele ano, muda o nome do Grupo Escolar Bernardo Petry para “Escola Estadual de 1º Grau Incompleto Bernardo Petry”. Já em fevereiro de 1980, autoriza o funcionamento da 7ª e 8ª série, tornando-se designada como Escola Estadual de 1º Grau Bernardo Petry, em 09 de agosto de 1980, pela portaria nº 34.988 (STEINMETZ; LAMB; TEUSCHEL, 2010).

Figura 5 - Construção do prédio novo defronte à RS 452 em 1993/1994



Fonte: Acervo pessoal de Gilberto Freiberger.

Nessa ocasião, podemos ver que a ampliação estava sendo realizada, esta seria a última etapa, que hoje, no caso, é a parte da frente da escola.

Diante de inúmeras mudanças e do desenvolvimento da comunidade escolar atrelado ao crescimento da cidade, sabemos que as práticas ali desenvolvidas tinham muita ligação com o cotidiano daquele povo.

Através de alguns registros fotográficos conseguimos relacionar determinadas épocas com algumas práticas de ensino, conteúdos abordados, metodologias utilizadas e como se dava a construção do conhecimento. Percebe-se que muitos dos projetos desenvolvidos na escola tinham como objetivo integrar as turmas, mostrar os

trabalhos produzidos e, além disso, ainda revelar para a comunidade de pais e em geral os assuntos que eram tratados em sala de aula. Muitos dos conteúdos estavam ligados à realidade das crianças. Vemos que há uma grande influência das festas, como, por exemplo, a Festa do Colono. Da mesma forma, o Dia do Gaúcho e os projetos sobre o cuidado com a natureza eram contemplados.

Desvenda-se, através de registros fotográficos, de que forma aconteciam as aulas e como essa cultura escolar se construía com a influência alemã e o meio.

O conceito de cultura escolar, nesse sentido, traz a perspectiva de um olhar para o interior da escola, ou seja, para o seu funcionamento interno. Enquanto conjunto de normas e práticas, essa definição de cultura escolar pretende dar conta de analisar a relação que os profissionais, em especial os professores primários, estabeleceram com as normas postas à obediência, e, assim, com o uso que eles fizeram dos dispositivos pedagógicos postos a circular (SOUZA; VALDEMARIN, 2005, p. 43).

A relação com espaço institucionalizado manifesta uma cultura escolar produzida neste lugar,

o modo como a festividade aparece no cotidiano evidencia ainda como alunos e professores atribuíram sentido aos ritos de escolarização, aspecto que passo a desenvolver na próxima seção.

4.2 AS CERIMÔNIAS E FESTAS ESCOLARES: VESTÍGIOS DA CULTURA ESCOLAR

As festas escolares realizadas na cidade, principalmente organizadas pela Escola e pelo CPM (Círculo de Pais e Mestres), possuíam caráter de integração e divertimento. Crianças e adultos eram incluídos nas mais diversas programações. “O patrimônio cultural popular no qual está inserido o saber de pessoas implica vivências, memórias, visões de mundo, crenças, valores, maneiras de viver, estilos de vida” (MACIEL, 2005, p. 457). Um povo que gostava da alegria, de se reunir e prestigiar eventos sazonais, da mesma maneira que comemoravam as conquistas dançando ao som da bandinha ali improvisada com os instrumentos simples, como gaita, violão, tambor e saxofone.

As festas, portanto, como um aspecto da cultura escolar, que se modifica de acordo com as épocas e as finalidades sociais, políticas e religiosas, também se transformaram e foram apropriadas pelos dirigentes de ensino,

professores, alunos e sociedade em geral de diferentes formas no decorrer dos anos (DA SILVA; DE CARVALHO; DA SILVA, 2017, p. 101).

Muitas das comemorações tinham como propósito arrecadar fundos para melhorias em algum setor da escola, ou então celebrar o êxito de um feito. Já outras cerimônias tinham o intuito de mostrar à comunidade determinadas temáticas que eram estudadas na instituição e como estas confrontavam e tinham relação com o cotidiano da cidade e do povo. “Nas cidades do interior, os grupos escolares, juntamente com as prefeituras, organizavam a programação de eventos e palestras durante a semana, os quais tinham como objetivo projetar ufanisticamente os vultos da nossa História” (VAZ, 2006, p.100).

As festas no espaço escolar tinham grande importância. Além de arrecadar fundos para melhorias, serviam também para a própria manutenção da instituição. A prática de festejar era uma possibilidade social, de reunir pessoas, tornar possíveis encontro de pessoas de todas as faixas etárias e desenvolver desde a infância um valor cultural local e costumes da comunidade. As festas eram uma forma de promover os conhecimentos, oportunizando momentos de socialização e manter vivos os costumes.

Nas festas, nota-se, através dos registros fotográficos, que possuíam forte influência alemã, povo que chegou primeiramente na cidade nas épocas passadas. “As fotografias de eventos escolares – festas, exposições e comemorações – são contributos para a memória institucional” (SOUZA, 2001, p. 99).

Em razão da expressiva quantidade de fotografias referentes às festividades, cerimônias e festas locais, para analisar de forma adequada conforme a sistematização seguida pela acadêmica, agrupou-se em três grandes grupos, podendo, dessa forma, interpretar os vestígios de cultura escolar presentes nas fotografias e nos documentos.

4.2.1 As festas cívicas da independência, dia do gaúcho

As festas cívicas, como desfile do Dia do Gaúcho e as apresentações da Independência de 7 de setembro, faziam parte e tinham grande importância nas atividades escolares da instituição.

Figura 6 - Alunos e demais pessoas presentes em posição de sentido para entoação do hino



Fonte: Acervo pessoal de Madalena Pellenz.

O ato de entoar o hino, em fila, um atrás do outro, posição de sentido, de frente para as bandeiras, deixa claro que eram preservados os valores perante a Pátria. Nesse caso, era a inauguração da Escola, não propriamente a Independência. Já nas próximas fotografias, vemos turmas apresentando-se nos 7 de Setembro.

Os hinos davam às solenidades o tom marcante do civismo. No entanto, é importante ressaltar que o cântico destes não estava circunscrito às solenidades festivas. As atividades cotidianas dos grupos eram demarcadas por hinos, o que demonstra o propósito conjunto de celebração do civismo e promoção da educação manifestado em um cotidiano escolar ritualizado no interior dos grupos escolares (AZEVEDO, 2011, p. 108).

Esses momentos também educavam, pois o simples fato de fazer fila e cantar o hino numa postura de respeito demonstravam disciplina e consideração. Havia a educação de um hábito, os espaços de sociabilidade do cotidiano escolar possibilitavam ao aluno exemplos de como se comportar ao assistir uma apresentação. Complementa-se aqui que as práticas escolares não se limitam apenas ao que era feito dentro de sala de aula, com livro e caderno. Refere-se também a

momentos como esse e aos ilustrados a seguir: apresentações e desfiles que eram realizados na cidade com grande participação da escola e envolvimento dos alunos.

Figura 7 - Comemoração de 7 de Setembro, em 1982



Fonte: Acervo da Escola Bernardo Petry.

A professora, juntamente com a turma, elaborava uma apresentação para o restante da escola, envolvendo algo que tivesse relação com a data. O fato de a professora permanecer ali com os alunos mostra que a mesma era como um guia. Além de ajudar a turma, ela se posicionava por perto dos alunos, para garantir que a apresentação ocorresse de forma adequada, como nos ensaios. Essa proximidade também tinha também o objetivo, provavelmente, de transmitir segurança para as crianças. Observa-se, na fotografia número 7, que todos estavam de uniforme, organizados e separados, meninas na frente, meninos atrás. As práticas do cotidiano escolar da época formavam cidadãos que aprendiam como se comportar diante de situações formais, como em apresentações.

Figura 8 - Primeira Série apresentando no dia 7 de Setembro



Fonte: Acervo da Escola Bernardo Petry.

Aproveito para salientar que nos diversos registros fotográficos sempre havia maior presença de mulheres, sejam elas professoras ou diretoras. Conforme argumenta Souza (2001, p. 92), “o grande número de mulheres em relação ao reduzido número de professores do sexo masculino registra o que foi a composição do magistério primário no Brasil desde o final do século XIX”.

Figura 9 - Alunos da 3ª série no 7 de Setembro



Fonte: Acervo da Escola Bernardo Petry.

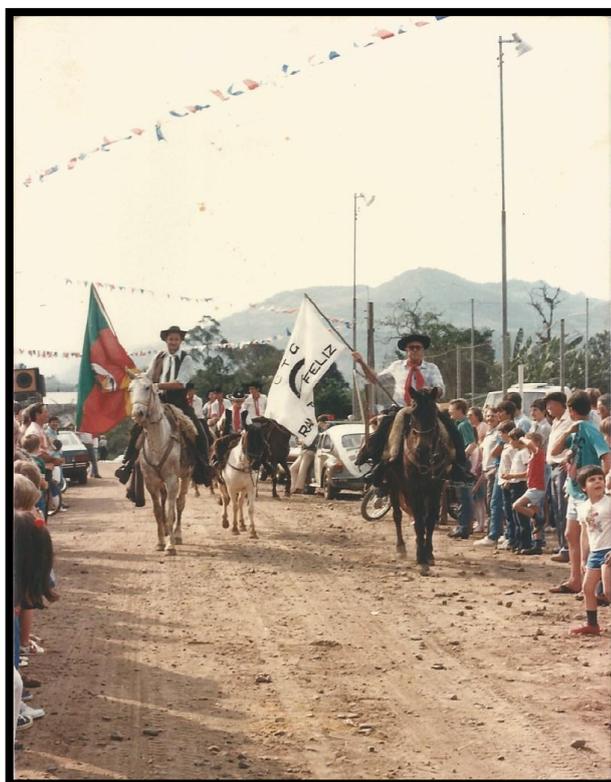
Nesta fotografia, podemos ver que cada aluno segura uma letra da palavra Brasil. No centro, a professora acompanhando a turma. Possivelmente, no verso, algum poema ou frase a ser dita por cada um. Conforme Vaz (2006, p.92):

As instituições de ensino eram a grande atração das comemorações, sendo sempre relacionadas e encarregadas de organizar os eventos. A imprensa exibia com honra as escolas e suas comemorações e desfiles, a fim de mostrar a preocupação dos estabelecimentos de ensino com as “cousas da pátria”. Dava-se destaque aos alunos que participavam declamando poesias ufanísticas, presentes nas comemorações das escolas.

Outra comemoração, e não menos importante, era o Dia do Gaúcho. Muitas vezes transformado em Semana do Gaúcho, pois na escola eram produzidas diversas

atividades sobre a data, levando em consideração os costumes da tradição e toda histórica heroica da Guerra dos Farrapos.

Figura 10 - Desfile do dia do Gaúcho



Fonte: Acervo pessoal de Madalena Pellenz.

Os desfiles do Dia do Gaúcho, no 20 de setembro, aconteciam na Rua Rio Branco, com a presença de crianças e adultos. Peões pilchados em cima de cavalos levavam com orgulho as bandeiras do Rio Grande do Sul e, como podemos ver, do CTG Rancho Feliz, hoje, cidade vizinha de Vale Real.

O CTG, neste sentido, é percebido como uma instituição que se aproxima da escola para formar seus quadros de dança e para que os jovens tradicionalistas (peões e prendas) possam desenvolver seus projetos, sem que haja uma preocupação efetiva com o desenvolvimento e rumos do tradicionalismo, na escola como instituição educacional (BRUM, 2008, p. 16).

Assim como havia desfiles, o tradicionalismo e a Semana Farroupilha também eram trabalhados na escola durante as aulas, como citado anteriormente.

Figura 11 - Alunos com a vestimenta de gaúcho



Fonte: Acervo da Escola Bernardo Petry.

Além de estudar sobre as tradições, vestimentas e costumes, havia o concurso de Primeiro Peão e Primeira Prenda. Brum (2008, p.16) afirma que, “ao viver as tradições, através de várias expressões artísticas e aulas sobre história e os costumes do Rio Grande do Sul, o aluno passa a se identificar com o tradicionalismo”. O concurso tratava-se de uma competição, em que o aluno com a família deveria se inscrever e vender rifas. Quem vendia mais, ganhava!

4.2.2 As cerimônias na escola

Muitas eram as inaugurações na Escola. De tempos em tempos sempre havia alguma conquista a ser comemorada. Pequenos gestos, festas, doações e trabalho comunitário não faltaram. Nos dias tão esperados, geralmente, além da diretora, alunos e equipe do CPM, alguns políticos ou seus respectivos representantes vinham. Algo que é notável e sempre estava presente era a bênção religiosa.

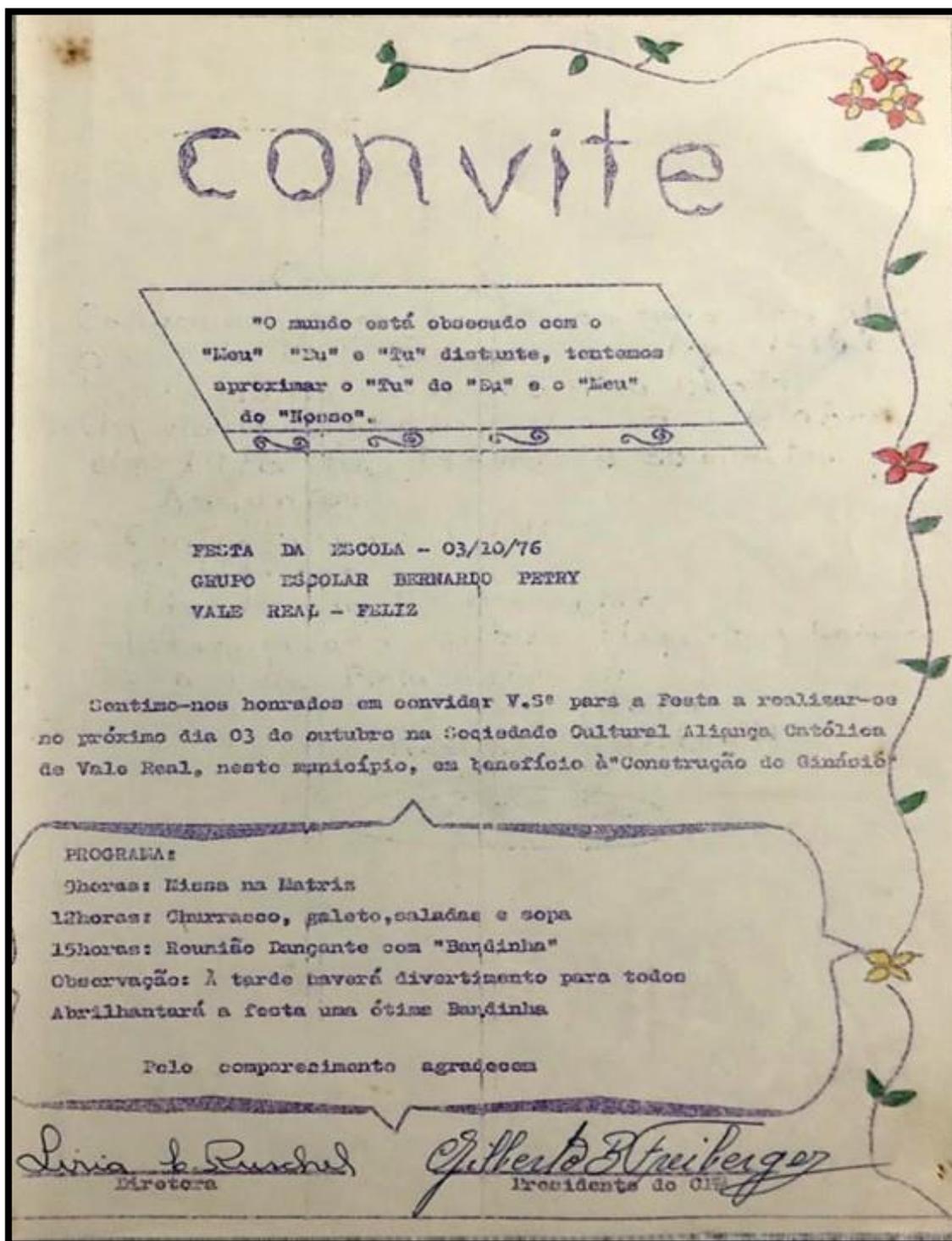
Figura 12 - Ato religioso em dia de inauguração



Fonte: Acervo pessoal de Madalena Pellenz.

Os atos religiosos de cunho católico estavam presentes sempre nas inaugurações e feitos importantes da instituição. Percebe-se que a maioria está com um folheto em mãos, acompanhando o que estava acontecendo. As celebrações, na maioria das vezes, consistiam em ampliações do prédio, conforme o crescimento populacional e a necessidade, cancha de esportes e reformas. O documento a seguir reforça que primeiramente sempre havia atos religiosos e após celebração.

Figura 13 - Convite para festa do Grupo Escolar Bernardo Petry



Fonte: Acervo pessoal de Gilberto Freiberger.

Chamo atenção aqui para este documento, de 1976, mimeografado e pintado cuidadosamente. A escrita clara e objetiva, deixando em evidência qual a finalidade e para o que seria destinada a verba arrecadada na festa. "[...] conviene analizar los elementos que acompañan a la imagen, sus diferentes atributos y características,

también, los diferentes textos que se relacionan con la imagen (BADANELLI, 2020, p. 10).”

Figura 14 - Momento de inauguração da quadra de esportes em 13/12/1981



Fonte: Acervo da Escola Bernardo Petry.

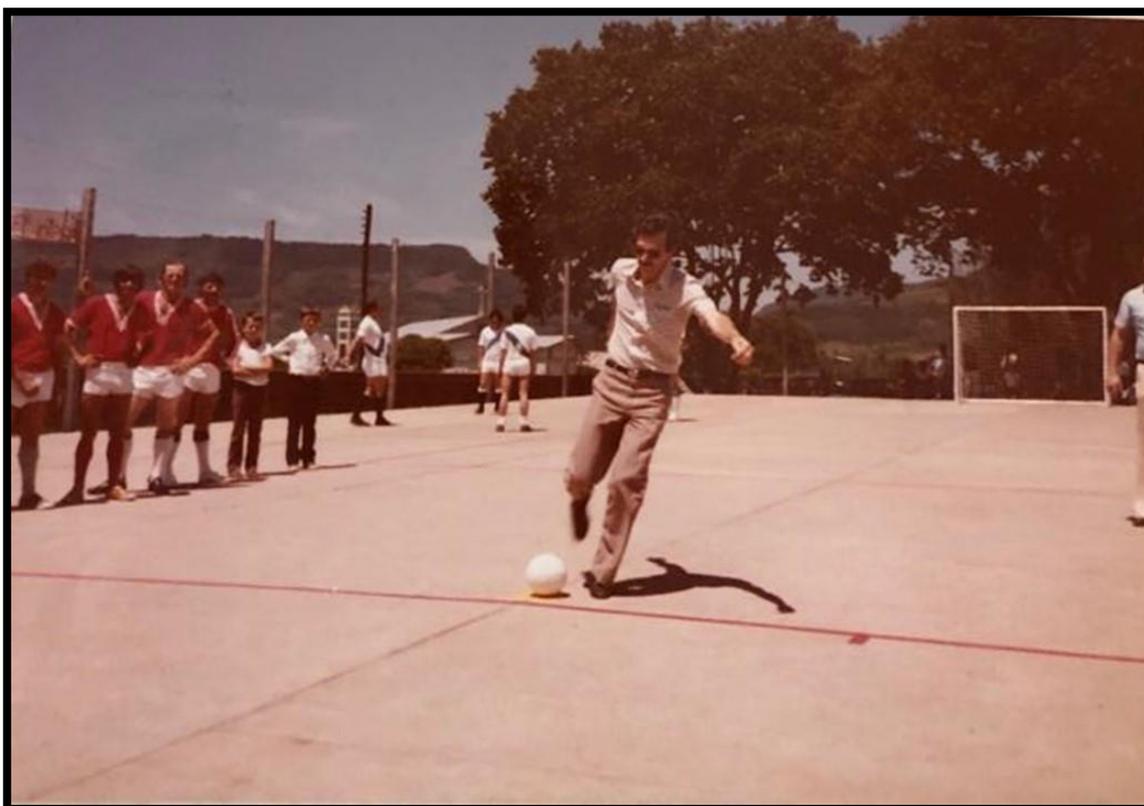
Na foto, está presente a diretora, de vestimenta verde, Madalena Pellenz, juntamente com autoridades que ajudaram com verbas nessa demanda solicitada. Essas inaugurações eram conquistas não somente da escola, mas também da comunidade. Vemos que os políticos da época tinham conhecimento dos projetos que estavam em andamento e que através de verbas do Governo puderam se concretizar, além de demonstrar interesse com a instituição ao ir à solenidade de inauguração.

Estádios de futebol, as praças e as escolas eram alocadas para essas comemorações, e contavam com uma programação rica em discursos, apresentações artísticas e esportivas, declamações, desfiles laudatórios e outros. As festas invadiram o cenário escolar, e se fizeram presentes tanto nos espaços físicos das escolas (pátios, salas de aula), quanto no material didático (cartilhas, manuais, cartazes, etc.), interferindo diretamente no cotidiano escolar (DA SILVA; DE CARVALHO; DA SILVA, 2017, p. 111).

Logo após, como marco de abertura, o “pontapé inicial” é dado. Vemos que logo atrás há um grupo de jovens esperando para que a partida comece.

As competições esportivas, comuns nas festividades das escolas, após a cerimônia cívica, denotam um clima de maior descontração para o público infantil, além do fundamental papel que a educação física e o esporte têm no momento para o desenvolvimento das potencialidades do corpo [...] (VAZ, 2006, p. 75).

Figura 15 - Inauguração da quadra de esportes, dezembro de 1981



Fonte: Acervo da Escola Bernardo Petry.

4.2.3 As festas locais: Festa do Colono, Bauernfest e Patrulha do Verde

Dentre as práticas desenvolvidas no cotidiano da escola, o projeto Patrulha do Verde teve destaque com o plantio de árvores. Os estudantes que participavam do projeto tinham até uma camiseta de identificação. Além do plantio das árvores, também era frisado que o descarte do lixo deveria ser feito em locais corretos e não em matas. Desse modo, a escola estava promovendo o ensino desde a infância que as ações possuem impactos na natureza e que é responsabilidade humana cuidá-la.

Figura 16 - Patrulha do Verde, em 1982



Fonte: Acervo da Escola Bernardo Petry.

Uma das festas muito bem celebradas na cidade de Vale Real era a Festa do Colono, conhecida neste termo aqui no Brasil, anteriormente era Bauernfest.

[...] festa anual que prestigia o colono alemão - a Bauernfest, onde paisagens linguísticas, danças, comidas e bebidas mostram a transformação de identidade híbrida dos imigrantes alemães e de seus descendentes ao longo da história até os dias atuais. A Bauernfest é um evento sobre a colonização germânica/alemã no município. Podemos afirmar que a festa é uma "tradição reinventada" (SAVEDRA, MAZZELLI, 2020, p.123).

Figura 17 - A festa contava até com animação musical



Fonte: Acervo pessoal de Madalena Pellenz.

A Festa do Colono era sempre realizada no mês de julho, na antiga Rua Rio Branco. Por alguns chamada de Festa do Colono e por outros Buernfest, ela acontecia nessa estrada de chão batido. Um grupo de pessoas organizavam um caminhão, com uma mesa para o padre fazer a celebração e algumas cadeiras para autoridades prestigiarem de modo confortável as apresentações.

Figura 18 - Grupo de amigos interagindo na Festa do Colono e divulgando seu produto



Fonte: Acervo pessoal de Madalena Pellenz.

Como se pode perceber na foto, há vestígios de que estariam representando uma loja de produtos de construção. A presença de cimento, latas de tinta e até uma porta permite imaginar que a produção de esquadrias também era um dos serviços deles.

Figura 19 - Crianças dançando na Festa do Colono com traços da tradição alemã



Fonte: Acervo pessoal de Madalena Pellenz.

A Buernfest, festa típica alemã, era comemorada no mês de julho na cidade. Uma de suas atrações era a dança. Percebe-se, através da fotografia, a influência alemã por meio de trajes típicos que as crianças usavam, uma tradição trazida juntamente com o povo, e ali revivida, sendo reconstruída e assim desenvolvendo uma nova cultura através das práticas realizadas. “Estes trajes ainda hoje são usados em encontros de grupos de danças e festas típicas, buscando manter as mesmas características dos trajes originais” (KOCH; WOLTZ, 2015, p. 99).

O desfile dava-se ao longo desta rua, e o povo reunia-se em frente e ao redor do caminhão central. Neste local, havia a Sociedade Cultural e Esportiva Aliança, que permanece no mesmo lugar até hoje.

Figura 20 - Indústria de telas e serviço de funilaria de Ricardo Glaeser participando do desfile com grande público



Fonte: Acervo pessoal de Madalena Pellenz.

Como citado anteriormente, nessa celebração, todos os setores participavam, pessoas de todas idades prestigiavam. Havia um grande número de munícipes que se comprometiam em participar, seja desfilando ou dançando, e a comunidade festejava alegremente (pode-se ver pessoas batendo palmas). Os desfiles exaltavam também o trabalho do povo, suas belezas e conseqüentemente a valorização da pequena indústria, muitas vezes familiar.

Figura 21 - Elementos agrícolas fortemente representados na festa



Fonte: Acervo pessoal de Madalena Pellenz.

A agricultura familiar também estava presente com toda sua autenticidade. Os alimentos plantados pelas famílias, como cenoura, repolho, laranja, além de uma máquina de pulverizar, conforme se observa na foto, nos remetem a pensar no cotidiano de um povo rural. O pulverizador laranja que está na foto, que é usado nas costas (como se fosse uma mochila) para passar herbicidas e combater pragas que se instalam nas plantações, demonstra que, mesmo de forma simples, a comunidade possuía ferramentas para desenvolver seu trabalho.

O desfile demonstrava de forma relevante um povo trabalhador, o meio rural e o desenvolvimento da indústria na pequena cidade. O Agrale 4100 que vemos na foto, sendo dirigido por uma criança, deixa claro que a agricultura familiar sempre foi importante para o município, e que muitas famílias dependiam do uso da terra para seu próprio sustento.

Semelhante a essa imagem, na próxima fotografia, vemos um grupo de crianças, provavelmente alunos, desfilando com imagens de alimentos moldadas em suas cabeças e carregando nas mãos alimentos, e com vestimentas de acordo com a

cor do alimento representando o plantio no município. Podemos observar alface, repolho, beterraba...

Figura 22 - Representação da agricultura através de alimentos nas mãos e na cabeça



Fonte: Acervo pessoal de Madalena Pellenz.

Mais tarde, em 2003, surge oficialmente a *Kronenthal Fest*, nome de origem alemã em homenagem à geografia do município, contemplando e unindo as tradições alemãs e italianas. A ideia de criar a festa se deu através das antigas práticas, mantendo vivas as tradições e com o espírito de sempre festejar. Hoje, encontra-se em sua 17ª edição, sendo realizada de dois em dois anos e organizada por uma comissão voluntária juntamente com a Prefeitura e as soberanas.

Através da análise, foi possível perceber que as práticas desenvolvidas no cotidiano da escola eram o fundamento para a construção de uma cultura. A comunidade escolar prezava o ensino pautado em valores, desenvolvendo a disciplina e o respeito através das vivências em comunidade, desfiles, apresentações e atos oficiais de inauguração, oferecendo ao aluno aprendizados através de suas experiências e da própria realidade da comunidade. O professor era respeitado e tido como exemplo, acompanhando a turma nos mais diversos projetos e atividades

desenvolvidas ao longo do ano letivo, como pudemos observar pela Patrulha do Verde, que tinha como objetivo a preservação da natureza e a integração entre as turmas. A Bauernfest e a Festa do Colono, que eram as festas locais, além de promoverem o conhecimento e a grande participação de alunos e pais, valorizavam o que a cidade tinha de mais valioso, mantendo os costumes locais e promovendo a educação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia teve como propósito a compreensão e o conhecimento das práticas escolares que aconteciam na Escola Bernardo Petry, localizada em Vale Real, com o recorte temporal entre os anos de 1958 e 1988. Todas as práticas que ali se desenvolveram foram a base para alicerçar a criação de uma cultura escolar, resultando em um conjunto de valores e costumes.

Tendo como objetivo analisar as práticas de escolarização a partir de vestígios da cultura escolar, valendo-se de registros fotográficos da Escola Bernardo Petry, de Vale Real, no período de 1958 a 1988, a acadêmica iniciou o estudo com uma visita à escola. Mesmo encontrando várias fotos no arquivo morto da mesma, sentiu a necessidade de ir procurar mais além, o que, de certa forma, lhe aproximou de pessoas da comunidade que, de modo significativo, fizeram parte da escola anos atrás. Foram horas de conversas, em que os colaboradores desta pesquisa me contaram como eram aqueles bons tempos. A cada foto que me mostravam, boas lembranças vinham junto. Uma época de nostalgia e fatos que ficaram guardados para sempre na memória. A partir dessas lembranças, percebi que por trás de toda história há pessoas, objetivos, valores e sentimentos. Isso me motivou mais ainda para desenvolver a pesquisa e assim aprender sobre os processos de escolarização e como era o cotidiano e as suas aprendizagens naquele ambiente.

Durante a pesquisa, ao conversar e visitar pessoas influentes da comunidade, bem como do Grupo Escolar, sejam eles ex-professores e ex-diretores, a acadêmica conseguiu reunir muitos registros fotográficos e documentos, porém não foi possível contemplar todos na presente monografia. Através de categorias criadas através da análise das fotos, decidiu-se agrupá-las em três grandes grupos: as festas cívicas, as inaugurações e as festas locais.

Em relação ao desenvolvimento da escola, houve muitas inaugurações e conquistas com o passar dos anos, porém todas foram resultado de esforço e de um trabalho em conjunto: comunidade, escola e alunos. Conforme Vale Real ia se desenvolvendo e aumentando a população, houve ampliações e melhorias, que juntamente com isso trouxeram, aos poucos, o Jardim, as séries finais e depois o Ensino Médio.

Na presente análise, vemos que o cotidiano da escola tinha como hábito entoar o hino, seja em alguma cerimônia de abertura ou semanalmente, não era algo que

aconteciam somente na Semana da Pátria. Motivar os alunos para se apresentarem sempre de forma organizada para as demais turmas e com a professora demonstra que havia disciplina e respeito entre a comunidade escolar.

Os vestígios encontrados ao longo da análise demonstram práticas escolares muito além dos muros da escola, as quais visavam a aprendizagem em torno da construção da cultura local, promovendo momentos de conhecimento não só para alunos, mas também a pais. Esses costumes envolviam um grandioso número de munícipes, entre eles a comunidade escolar e demais autoridades presentes que prestigiavam junto com o povo acolhedor.

Conclui-se que as festas realizadas, além de promoverem a integração, também faziam questão de valorizar e exaltar os bens locais, a produção e o trabalho ali realizado, demonstrando sua importância. O ensino, partindo da realidade do aluno e usando a bagagem que ele mesmo já possuía, somado ao conhecimento novo, fica claro nas diversas fotografias. Aliás, foi por meio deste estudo que a acadêmica descobriu ligações da origem entre as festas passadas e a própria *Kronenthal Fest*, e o motivo de determinadas práticas continuarem vivas nos dias de hoje.

Os registros fotográficos, juntamente com alguns documentos, possibilitaram que a acadêmica remontasse um passado abastado de conhecimentos que se relacionam com os costumes trazidos pelos imigrantes na época em que a cidade começou a ser povoada. Nesse contexto, os traços alemães são facilmente percebidos.

Ciente de que o material reunido é base e fonte para estudos importantes na área da História da Educação, a acadêmica pretende seguir os estudos pesquisando sobre outros pontos relevantes da Escola Bernardo Petry e sua cidade, Vale Real, num possível projeto de Mestrado em História da Educação, na linha da História das Instituições Escolares.

Diante das possibilidades de estudos, ao observar o restante das fotografias, rapidamente é possível identificar que os trabalhos manuais e os Clubes de Mães eram práticas de épocas passadas e que possuíam forte influência na comunidade escolar, além de ainda existir vários documentos que nos permitem fazer correlações.

Desenvolver esta pesquisa, para mim, na verdade, foi uma descoberta de muitos acontecimentos do passado em relação aos processos de escolarização no Brasil, que explicam o atual cenário educacional. Dessa forma, a partir desta investigação, vejo que ainda existe muito conhecimento a ser explorado.

Concluo, revelando que esta monografia tem me aproximado ainda mais de minha cidade e da área em que concluo minha primeira graduação, a educação. O fato de estabelecer articulações entre a cultura local, os valores e as raízes que estão escondidas por trás de práticas do cotidiano, sejam elas escolares ou de outras vivências, possibilitou a significação de uma memória que antes não me era previsível e que no momento me despertou para um outro rumo dentro da graduação, que é a pesquisa.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia A. **História da Educação e da Pedagogia** - Geral e do Brasil. 3 ed. São Paulo: Moderna, 2006.

ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO VALE DO RIO CAÍ (AMVARC). **Mapa dos municípios do Vale do Rio Caí**. Disponível em: < <http://amvarc.com.br/quem-somos/>>. Acesso em 13 de abril de 2020.

AZEVEDO, Crislane Barbosa. Celebração do civismo e promoção da educação: o cotidiano ritualizado dos Grupos Escolares de Sergipe no início do século XX. **Revista Brasileira de História**, v. 31, n. 62, p. 93-115, 2011.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. 2. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008. p. 23 -79.

BADANELLI, Ana. Las imágenes y sus interpretaciones en los textos escolares españoles. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 20, n. 1, p. 1-27, 2020. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2238-00942020000100505&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em 20 abr. 2020.

BRAVO, María Guadalupe Escalante. Las fotografías de la escuela normal: cultura y detonantes de la memoria institucional escolar. **Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo**, v. 5, p. 1-14, e019003-e019003, 2019. Disponível em:<<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ridphe/article/view/9671/5273>>. Acesso em: 20 abr. 2020

BRUM, Ceres Karam. " Educar para ser gaúcho" breves apontamentos sobre as relações entre o movimento tradicionalista gaúcho e a escola. In: CUNHA, Jorge Luiz da Cunha; DANI, Lúcia Salete Clich (Org.). **Escola, conflitos e violências. Santa Maria: Ed. UFSM**, p. 33-60, 2008.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (Org). **A escrita da história cultural novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. p.7-38.

BURKE, Peter. **O que é a história cultural?** Tradução de Sergio Goes de Paula. 2.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.

CÂNDIDO, Renata Marcílio. Festejar aqui e lá: a escrita comparada das festas escolares no Brasil e em Portugal (1890-1920). **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 19, e066, p. 1-21, 2019. Disponível em:<https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-00942019000100507>.Acesso em 25 mai. 2020.

CHARTIER, Anne-Marie. Escola, cultura e saberes. In: XAVIER, Libânia Nacif, et.al.(Org.). **Escola, culturas e saberes**. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 9-28.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: Entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Saberes impressos, escritas da civilidade e impressos educacionais (Década de 1930 a 1960). In: YAZBECK, Dalva Carolina; DA ROCHA, Marlos Bessa Mendes (Org.). **Cultura e história da educação: intelectuais, legislação, cultura escolar e imprensa**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009. p. 233-25.

CURY, Carlos Roberto Jamil. A Educação nas constituições brasileiras. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. **Histórias e Memórias da educação no Brasil**. Vol. III: Século XX. Petrópolis/RJ, Editora: Vozes Ltda, 2009. p. 17 - 28.

SILVA, Marina Coimbra Casadei Barbosa; CARVALHO, Alonso Bezerra; SILVA, Antonio Carlos Barbosa. AS FESTAS ESCOLARES NO BRASIL: HISTÓRIA E PERSPECTIVAS. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia-RCE. PSI**, p. 99 – 102, 2017. Disponível em:< arquivos_destaque/z9FcDFuBDViFlp4_2017-11-8-17-16-18.pdf#page=102>. Acesso em 20 mai 2020.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de, et al. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e pesquisa**, v. 30, n. 1, p. 139-159, 2004. Disponível em:<<https://www.scielo.br/pdf/ep/v30n1/a08v30n1.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, p. 19-34, 2000. Acesso em:<<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a03.pdf>>. Acesso em: 26 mai. 2020.

GUIA GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL. **Mapa do Rio Grande do Sul**. Disponível em:<<https://www.brasil-turismo.com/rio-grande-sul/mapa-rodoviario.htm>>. Acesso em 15 mai. 2020.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **História da educação brasileira**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **IBGE: cidades**, Vale Real, Rio Grande do Sul, 2017. Disponível em:<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/vale-real/historico>>. Acesso em: 13 de abr. de 2020.

KOCH, Bárbara Gisele; WOLTZ, Ana Maria Argenton. A simbologia dos trajes alemães e a transposição de seus elementos para moda em festividades típicas. **ModaPalavra e-periódico**, v. 8, n. 15, p. 97-120, 2015. Disponível em:<<http://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/viewFile/5252/4114>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

KREUTZ, Lúcio. Igreja Católica e processo escolar entre os imigrantes alemães católicos no Rio Grande do Sul. In: DREHER, Martim N. (Org.). **500 anos de Brasil e Igreja na América Meridional**. Porto Alegre: EST, 2002. p. 472-480.

LEÃO, Paula Biegelmaier. **Transmissão intergeracional do alemão em contato com o português em Vale Real** – RS. 2007. 130 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de Carvalho. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Org.). *O historiador e suas fontes*, v. 1, 2009. p. 29 - 60.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de educação no Brasil**. Autêntica Editora, 2003.

MACIEL, Maria Eunice de Souza. Patrimônio, tradição e tradicionalismo: o caso do gauchismo, no Rio Grande do Sul. **Mneme**: revista de humanidades. Natal, RN. v. 7, n.18, out./nov, p. 1-20, 2005. Disponível em: <www.cerescaico.ufrn.br/mneme>. Acesso em: 25 mai. 2020.

MELLO, Mariane Fruet de; DEWES, Elisângela Cândido da Silva; JARDIM, Rosângela de Souza. Análise do campo teórico para a construção de um estudo a partir das memórias de escolarização em Kronenthal RS na perspectiva de uma escola étnica comunitária (1933-1942). In: RAHMEIER, Andrea Helena Petry; et al (Orgs.) **Migrações, Educação e Desenvolvimento**: v.1: convergências e reflexões [recurso eletrônico] -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019. p.145-160.

MÜLLER, Daniel Ânderson. **Ensino e aprendizagem de Estatística no contexto do Ensino Médio Politécnico pelo desenvolvimento de uma pesquisa de campo**. 2015. 78 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Matemática) -- Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática, Instituto de Matemática e Estatística, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: < <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/143195>>. Acesso em 10 abr. 2020.

OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena; TAMBARA, Elomar Antonio Callegaro. A imagem fotográfica como fonte para a pesquisa em história da educação. **Anais do III Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2004, Curitiba. Disponível em:< <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo1/252.pdf>>. Acesso em 10 mai. 2020.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. **Cadernos de pesquisa**, n. 114, p. 179-195, 2001. Disponível em:<<https://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a08n114.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

PUHL, Cassiano Scott Puhl. **Números complexos: Interação e aprendizagem**. 2016. 245 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Matemáticas) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2016.

RAUBER, Johnathan R. K. Rauber. **História do município de Vale Real**. Site da Prefeitura Municipal de Vale Real. [?]. Disponível em: <<https://www.valereal.rs.gov.br/>>. Acesso em: 1 mar. 2020.

SANTOS, Deise da Silva; SOUZA, José Edimar de. O ensino de música no grupo escolar de Farroupilha (1938 - 1945): memórias e práticas. In: RIPE, Fernando; SOUZA, José Edimar de; OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena de (Org.). **História e Historiografia da Educação no Rio Grande do Sul: instituições, culturas e práticas educativas**. Porto Alegre/ RS: Editora Fi, 2019. p. 81 – 96.

SANTOS, Rodrigo Luis. Apresentação. In: RAHMEIER, Andrea Helena Petry; et al. **Migrações, educação e desenvolvimento: volume 1: convergências e reflexões**. Porto Alegre/RS: Editora Fi, 2019. p.11 - 13.

SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães; MAZZELLI, Leticia. Variedades linguísticas da imigração germânica no Brasil: vitalidade, glotopolítica e território. **A Cor das Letras**, v. 21, n. 1, p. 105 -131, 2020. p. Disponível em:<<http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/index>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

SOUZA, José Edimar de. O ensino primário na província de São Pedro do Rio Grande do Sul (1888): Documentos para compor uma história da educação de São Leopoldo. **História Unicap**, v. 1, n. 2, jul./dez. de 2014. Disponível em:<<http://www.unicap.br/ojs/index.php/historia/article/view/429>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

SOUZA, José Edimar; CONCEIÇÃO, Caroline Machado Cortelini. A escolarização da infância: notas sobre a prática pedagógica de uma professora no jardim da infância “Getúlio Vargas”. **Reflexão e Ação**, v. 22, n. 1, p. 223-246, 2014. Disponível em:<<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2928>>. Acesso em: 25 mai. 2020.

SOUZA, José Edimar de. **As Escolas Isoladas: práticas e culturas escolares no meio rural de Lomba Grande – RS (1940 a 1952)**. 2015. 292 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2015.

SOUZA, José Edimar de; GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos. Memórias de uma professora ao recompor cenários do ensino público em Lomba Grande, Novo Hamburgo, RS (1931-1942). **Revista Brasileira de Educação**, v. 20, n. 61, p. 383-407, 2015. Disponível em:<<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v20n61/1413-2478-rbedu-20-61-0383.pdf>>. Acesso em: 19 mai. 2020.

SOUZA, José Edimar de. A escolarização em uma região de imigração: processos, práticas e o ensino no meio rural de Lomba Grande/RS nas primeiras décadas do século XX. **Revista de História Regional**, v. 2, p. 221-238, 2018a. Disponível

em:<<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/12061/209209210433>>. Acesso em: 1 jun. 2020.

SOUZA, José Edimar de. Imigração e educação: possibilidades de ensino e aprendizagem na educação básica. In: Caroline von Mühlen; Rodrigo Luis dos Santos; Welington Augusto Blume. (Org.). **Releituras e Caminhos**: possibilidades interpretativas no campo migratório [recurso eletrônico]. 1. ed. Porto Alegre: Editora Fi, 2018b, v. 1, p. 17-42. Disponível em: <<https://www.editorafi.org/445releituras>>. Acesso: 30 mai. 2020.

SOUZA, José Edimar de. **O ensino em Novo Hamburgo/RS nas memórias de professores** [recurso eletrônico] / José Edimar de Souza. – 2. ed. – Caxias do Sul, RS: Educus, 2020. Disponível em:<<https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/ebook-o-ensino-nh.pdf>>. Acesso em: 1 jun. 2020.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização**: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: Unesp, 1998.

SOUZA, Rosa Fátima. Fotografias escolares: a leitura de imagens na história da escola primária. **Educar em revista**, v. 17, n. 18, p. 75-101, 2001. Disponível em:<<https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/32819>>. Acesso em: 1 jun. 2020.

SOUZA, Rosa Fátima; VALDEMARIN, Vera Teresa. **A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

STEINMETZ, Gladis. LAMB, Cristina; TEUSCHEL, Teresinha. **Bernardo Petry educando e fazendo história**. 1ª edição Vale Real/RS. Editora Lorigraf. 2010.

SAVIANI, Dermeval. História da história da educação no Brasil: um balanço prévio e necessário. **EccoS Revista Científica**, v. 10, número especial, p. 147-167, 2008. Disponível: <<https://periodicos.uninove.br/index.php?journal=eccos&page=article&op=view&path%5B%5D=1356&path%5B%5D=1020>>. Acesso em: 1 jun. 2020.

VAZ, Aline Choucair. **A escola em tempos de festa: poder, cultura e práticas educativas no Estado Novo (1937-1945)**. 2006.123 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em:<<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/FAEC-85TQU6/1/1000000611.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **As lentes da história: estudos de história e historiografia da educação no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2005.

VIDAL, Diana Gonçalves. Cultura e práticas escolares: a escola pública brasileira como objeto de pesquisa. **História da Educação**, Universidade de Salamanca, Espanha, v. 25, p. 153-171, 2006. Disponível em:<file:///C:/Users/Gisele/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8weky

b3d8bbwe/TempState/Downloads/11177-41003-1-PB%20(1).pdf >. Acesso em 1 jun. 2020.

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Reescrevendo a história do ensino primário: o centenário da lei de 1827 e as reformas Francisco Campos e Fernando de Azevedo. **Educação e Pesquisa**, v. 28, n. 1, p. 31-50, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11654.pdf>>. Acesso em: 18 mai. 2020.